

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XI

Etnografia Brasileira
e
Lingua tupí-guaraní
N.º 1

ÍNDICE

Nota Preliminar	7
Das velhas "Artes" de gramática	9
Dos relativos e recíprocos	17
Do demonstrativo genérico t	39
Das exceções	55
Dos verbos	63
Da sintaxe de regencia	71
Conclusões	79
Bibliografia	81

SÃO PAULO (BRASIL)
1939

PLINIO AYROSA

Dos índices de relação
d e t e r m i n a t i v a d e
p o s s e n o t u p í - g u a r a n í

S. PAULO
1939

A'
memória suavíssima
de
Anchieta

NOTA PRELIMINAR

Desejando patentear de público o alto conceito em que temos a matéria da 5.^a Cadeira da 5.^a Sub-secção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de S. Paulo, apresentamos esta contribuição para o estudo — **Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní** — versando um dos mais complexos e áridos capítulos da gramática ameríndia.

Resistimos á tentação dos temas de mais fácil desenvolvimento e de maior brilho literário, de fundo etnográfico, por exemplo, porque neste sector pensamos ter conseguido, graças a nossos longos anos de pesquisas, atingir a pontos de vista que nos parecem originaes, embora discutíveis talvez, e sujeitos a revisões futuras.

Duas grandes dificuldades, porém, se opuzeram á inteira satisfação de nossos desejos: falta de material tipográfico apropriado, indispensavel neste gênero de trabalhos, e necessidade de restringir ao mínimo o número de páginas da nossa tese.

Da primeira decorrem as inevitáveis confusões do *í*, especial da lingua, com *i*, *j*, e *y*, maximé nas palavras em que entram dois ou três desses símbolos, do *qu* com o *c*, antes de *a*, *o*, *u*, etc.; a segunda mal permitiu que sintetizássemos o quanto dizem as gramáticas por nós estudadas, sobre a materia, e apenas consentiu tambem

que expuzéssemos as nossas idéias com um mínimo de exemplificações, colhidas nos textos clássicos.

Lamentando profundamente essas ocorrências, inteiramente independentes de nossa vontade, tomamos a liberdade de, em notas repetidas, citar as fontes com todos os requisitos bibliográficos, para facilitar a autenticação dos textos citados.

Certo de que em tão modesto trabalho não de encontrar os nossos mestres algumas sugestões aproveitáveis, ainda neste momento queremos ser fieis ao lema que nos tem sempre norteado nas pesquisas relativas á Etnografia brasileira e á Lingua tupí-guaraní:

Tembiapó cué poránte mborayhú
rechaucahára ha ndahéi nheên
poravó pyré.

DAS VELHAS “ARTES” DE GRAMÁTICA.

Dentre os testemunhos mais ponderáveis da extraordinária expansão dos povos de língua tupí-guaraní no larguíssimo ambiente sul-americano, é de notar-se o testemunho linguístico, não apenas evidente nas designações de fundo geográfico, zoológico ou botânico mas, principalmente, na unidade estrutural das três “Artes” de gramática dos fins do século XVI e começos do século XVII.

Se aquelas designações balizam de certa forma o roteiro das marchas migratórias precolombianas, altamente complexas e dirigidas por múltiplos fatores de ordem econômica e social, ⁽¹⁾ a análise dos três documentos gramaticais prova, sem dúvida possível, que da grande família ameríndia núcleos de grande importância viveram em regiões extremas do nosso continente, falando uma língua apenas, aquela mesma língua da qual os cronistas dizem que *nam facilis est, copiosa, neque insuavis...* ⁽²⁾

Mesmo admitida a hipótese da coexistência de grupos de origem racial diversa como os que, através dos tempos, se constituíram em família tupí-guaraní, não ha

(1) Martinez del Rio (Pablo) — *Los origenes Americanos*. — Mexico, 1936.

(2) Vide *Prolegomena*, in ed. de Julio Platzmann da “Arte” de Anchieta. pag. IX. Lipsia, 1874.

argumento algum capaz de negar á lingua a universalidade de seu emprego, a adaptabilidade de seus fonemas aos mais diversos requisitos locais e, sobretudo, a notavel resistência em face dos agentes vários de adulteração e empobrecimento ⁽³⁾.

Levada pelo próprio ameríndio aos mais afastados rincões do Brasil e de outros países sul-americanos ⁽⁴⁾, manteve sempre integral a sua estructura primitiva e sempre integrais as partículas que lhe dão feição e maleabilidade próprias. Somente quando os colonisadores europeus procuram assenhorar-se de seus segredos para a transformar no mais forte instrumento de catequese e de predomínio territorial, é que as suas vozes se ressentem de certas modificações, tanto mais intensas e profundas quanto maior a divergência existente entre os sons peculiares ao português ou castelhano e á sua modulação característica.

As "Artes", entretanto, refletindo o falar dos grupos tupí-guaraní no momento mesmo em que a fase da adaptação e da adulteração consequente se ia iniciar com intensidade cada vez maior, são as fieis expressões da unidade linguística daquele povo e a comprovante primordial das excelentes qualidades de seu idioma.

Não ha que procurar nas obras que se publicaram depois de cessada a nobilitante atividade colonizadora dos jesuitas ou depois do tremendo movimento bandeirante, elementos capazes de caracterisar o falar primitivo,

(3) Bertoni (Moisés S.) — *Resumen de Prehistoria y Protohistoria de los países guaraníes*. Asuncion, 1914.

(4) Métraux (Alfred) — *Migrations Historiques des Tupi-guaraní*. Paris, 1927.

o único que nós pode servir de guia na busca de fontes originárias da lingua e no estudo comparativo dos idiomas ameríndios.

Se ali mesmo, nas gramáticas primevas, muito de confuso e de mal interpretado ha de correr de envolta com o verdadeiro e justo, facil é supor o quanto de lamentavelmente exótico e adulterado vai pelos tratados escritos quasi em nossos dias, á feição do linguajar dos infelizes que, após séculos, sentem ainda nas suas veredas longínquas o rumor de seus algozes implacáveis ou ao seu lado o missionário caridoso a lhes falar em lingua estranha.

A “Arte” de Anchieta ⁽⁵⁾ com as necessarias ressalvas é, apesar de tudo, o documento idôneo do aspecto litorâneo do tupí-guaraní, como a de Montoya ⁽⁶⁾ e a de Figueira ⁽⁷⁾ o são dos aspectos do sertão interior sulino e do litoral norte do Brasil. Os demais aspectos dignos de estudo — o do sul da Bolívia e do norte da Argentina — compendiados recentemente, não podem oferecer obstáculos aos estudos que se fizerem sobre o tupí-guaraní, por assim dizer, clássico; são decorrencias ou variantes de uma mesma lingua, cujas raízes se perdem nas sombras de um passado milenário de algum povo

(5) *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil*, feita pelo padre Joseph de Anchieta, da Companhia de Iesu. Em Coimbra, per Antonio de Mariz, 1595. (1.^a ed.).

(6) *Arte, y Bocabulario de la lengua guaraní*. Compuesto por el padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Iesus. Em Madrid, por Iuan Sanchez. 1640 (1.^a ed.).

(7) *Arte de Grammatica da lingua brasílica*, do padre Luis Figueira, theologo da Companhia de Jesus. Lisboa. Na officina de Manoel da Silva. 1621 (1.^a ed. ?)

extra-continental, de que a História não guardou lembrança.

Toda a crítica que se possa fazer desses três documentos, visando destruir-lhes a unidade para os dar por suspeitos ou desvaliosos, encontrará contradita espontânea e imediata nos simples argumentos que decorrem da história humilde de sua elaboração.

Não foram preparados com intuítos filológicos e nem sob a influencia de qualquer preocupação material; resultaram da prática quotidiana e obrigatória da lingua indígena; não se destinaram jamais a estudos científicos, mas ao contrario, á aprendizagem daqueles que tinham por único intuíto falar a lingua com a máxima perfeição e rapidez possiveis (8).

Ora, não é crível que Anchieta, Montoya e Figueira falseassem propositadamente as normas do bem falar tupí-guaraní, por méra vaidade pessoal ou por triste ignorância inadmissivel, quando tinham interesse imenso em ser simples e exatos; quando sabiam que seus erros e falsidades seriam imediãtamente percebidos por seus irmãos de hábito e companheiros de todos os dias (9).

Demais, é preciso não esquecer que essas três obras só foram impressas quando longos anos de verificações e de corrigendas lhes outorgaram fôros de perfeição. Basta que se note ter sido impressa, a "Arte" de Anchieta, em 1595, dois anos apenas antes da morte de

(8) Anchieta (José de) — *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Ed. da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1933.

(9) Teschauer (Carlos) — *Porandúba Riograndense*. Porto Alegre, 1929. Pags. 110 e segs.

seu autor, e após mais de quarenta anos de apostolado e prática do idioma.

E mais, foi aplicando os princípios normativos ali expostos que escreveu ele dezenas de poemetos e de autos teatrais na própria lingua tupí-guaraní; ⁽¹⁰⁾ não para satisfazer razoáveis caprichos intelectuais, mas para que os “donos” da lingua os ouvissem, entendessem e deles tirassem ilações uteis á salvação de suas almas.

Da mesma maneira, Montoya não compôs o seu maravilhoso “Tesoro” e nem se esfalfou em interpretar os temas subtís do Catecismo cristão ⁽¹¹⁾, em lingua geral, só para seu goso particular, mas para cumprir um dever que lhe era imposto pelo próprio cargo que ocupava entre seus cooperadores.

Ora, se esses textos — gramáticas, catecismos, sermões, cantigas e autos — se destinavam exclusivamente aos que tinham da lingua “o sangue e a alma”, é óbvio que haviam de ser absolutamente acordes com o falar geral e, portanto, reflexos límpidos dos menores detalhes idiomáticos. Usassem esses beneméritos, nos seus escritos ou na sua expressão oral, de artifícios com cheiros latinos ou de extravagâncias sintáticas á moda lusa ou castelhana, e teriam falhado desde logo em face da

(10) Anchieta (José de) — Cantos, autos, etc. In “Primeiras Letras”. Ed. da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, S/d. Prólogo de Afrânio Peixoto. Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Cantos do Padre Anchieta. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 84, pag. 561. Rio de Janeiro, 1919. Com Prefácio de Basílio de Magalhães.

(11) Montoya (Antonio Ruiz de) — Catecismo de la lengua guarani. Em Madrid, 1640.

incompreensão e do espanto dos nativos, seus únicos ouvintes aos quais convinha falar na própria lingua.

Nada disso se deu. Algumas das falhas e das incongruências notadas nas “Artes” dimanam das dificuldades no representar, gráficamente, sons inexistentes no português e no castelhano e da louvavel iniciativa de compendiar todos os factos gramaticais estranhos, embora sem análise e sem comentários.

A homens que dominavam o latim, nada mais natural que se socorressem dos lineamentos da gramática latina para orientar os seus estudos do tupí-guaraní. O modo de expôr, o método seguido na classificação das categorias, as pequenas sugestões relativas á declinação dos nomes e ás formações modais e temporais dos verbos podem ser passíveis de censuras, mas não anulam os ensinamentos gerais e não prejudicam a visão larga do panorama linguístico.

Aliás, são de Bertoni, um dos mais profundos conhecedores do guaraní, as seguintes palavras sinceras e expressivas:

“Después de haver llegado a un conocimiento práctico perfecto del idioma, esos abnegados apóstoles — Anchieta, Montoya y Figueira — consignam en sus escritos las palabras que recogen directamente del labio de los Indios, las coordinan, y nos dejan los primeros vocabularios, que siempre constituyen nuestros mayores documentos del pasado. Ninguno de ellos era verdadero filólogo; mas para el fin que se proponian, no era indispensable el serlo. Bastaba ser fieles y exactos; y lo fueron. Con todo acometieron el estudio filológico; trataran de estudiar el mecanismo de la lengua, pusieron en claro muchas útiles etimologias y cada uno compuso

una gramática guaraní. Este último trabajo debia ser el mas imperfecto; la linguistica, ciencia essencialmente comparativa, naturalmente como tal no habia nacido; y esos autores construyeron *una* gramática guaraní sobre el plan de la latina. Pero si aquel no era *el* orden natural, era *un* orden, y llenó bastante bien las necesidades prácticas, sin contar que los planes de ambas lenguas tienen puntos comunes” (12).

Assim pois, tomando por base de nossos estudos as obras desses gramáticos antigos, visamos sempre a aproximar-nos, tanto quanto possivel, das fontes abundantes e várias de que eles se serviram para perpetuar os fundamentos de uma das mais elegantes e sólidas estruturas da linguística americana.

Aos seus trabalhos monumentais juntam-se, é verdade, os de outros notáveis estudiosos antigos e modernos; todos, porém, mesmo os que procuram com honestidade as suas falhas, directa ou indirectamente nada mais fazem senão ressaltar virtudes e pôr á luz mais intensa detalhes preciosos que escapam sempre, mesmo aos olhos habituados a ler entrelinhas e a sondar nugas de linguagem.

Dissemos que a análise das gramáticas antigas revela unidade e coerência, e de facto isso se dá. Ao leitor desinteressado e estranho a certos eventos históricos e sociais, ou mesmo áquele que não tem presente as leis que regem a evolução das linguas e não queira dar-se ao trabalho de organizar a tabela de correspondentes

(12) Bertoni (Moisés S.) — La Lengua Guarani como documento historico. Estructura, fijeza, inalterabilidad. Consequencias para la etimologia. In Anales Cientificos Paraguaios. Serie II, n.º 6. Puerto Bertoni, março de 1920.

fonéticos indispensáveis á boa inteligência da grafia usada por uns e por outros, a “Arte” de Figueira pode parecer muito diversa da de Montoya ou Anchieta. Mas, quando se verifica a correspondência de valores sônicos representados por símbolos gráficos diversos, força é confessar que, ao mesmo passo que uma reflecte a modalidade do falar do norte e outra do sul, ambas reflectem as peculiaridades de uma lingua apenas, inteiriça, levemente tocada, alí e aquí, pelos provincialismos inevitáveis.

O trabalho que apresentamos, elaborado com o são propósito de esclarecer e metodizar um dos mais embaraçosos capítulos da gramática tupí-guaraní, si bem aceito, será um dos muitos que devem ser realizados para que se preencham lacunas e se deslindem questões que não puderam ser preenchidas ou deslindadas pelos que, ha quatro séculos, num verdadeiro milagre de operosidade e de carinho, nos legaram tudo de quanto dispômos hoje para conhecer a lingua de nossos antepassados (13).

(13) Até o começo do século XVIII, a proporção entre as duas linguas faladas na Colonia, era mais ou menos de três para um, do tupí para o português. Em algumas capitánias, como em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a catequese mais influiu, o tupí prevaleceu por mais tempo ainda. Adotavam os próprios portugueses os usos e até o falar brasílico, preferindo as expressões tupís aos dizeres da propria lingua, em que, aliás, não faltavam vocábulos e locuções expressivas e adequadas. (Teodoro Sampaio — *O tupí na geografia nacional* — 3.^a edição, pags. 3-4. Baía. 1928).

E' certo que as famílias dos portugueses e índios em S. Paulo estão tão ligadas hoje uma com as outras que as mulheres e filhos se criam mística e domesticamente, e a lingua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e a portuguesa a vão os meninos aprender á escola. (Padre Antonio Vieira — *Obras varias* — 1694, I. 249).

DOS RELATIVOS E RECÍPROCOS NAS GRAMÁTICAS ANTIGAS E MODERNAS

Quer nas gramáticas antigas dos jesuitas, quer nos tratados mais modernos sobre questões pertinentes á lingua tupí-guaraní, quando não é falho e obscuro o estudo dos índices de relação determinativa de posse, muito perfuntoiramente é ele abordado. É, entretanto, assunto de grande revelancia gramatical, sendo, sem dúvida alguma também, o de maior complexidade dentre os que devem merecer profundas pesquisas dos especialistas em filologia comparada.

Indispensáveis muitas vezes á indicação da ideia de pertença relativa ás três pessoas, não podem ser considerados como adjectivos determinativos possessivos derivados dos pronomes, e menos como prefixos, pois sem ser elementos gramaticais inteiros, contractos ou mutilados ⁽¹⁴⁾, juntam-se ás expressões não para lhes conferir ideias accessorias, secundarias ou de relações gerais, mas para, com muita propriedade e restricção específica, em certos casos, determinar a posse relativa ou recíproca de uma das três pessoas gramaticais.

Representados por simples sinais gráficos, dos quais um se resume a mero indicador de aspiração, não têm sentido próprio algum quando isolados do tema, e nem

(14) Carneiro Ribeiro (Ernesto) — *Serões Gramaticais*, 3.^a ed. pag. 337. Bafia, 1926.

exercem no contexto das orações outra função além da que lhes é inerente. .

Sendo indispensáveis, não são comuns a todos os casos em que a ideia de posse se revela e, sendo rígidos, permutam-se harmoniosamente ao apêlo das exigências sintáticas ⁽¹⁵⁾.

Característicos no idioma tupí-guaraní, dão-lhe graça e precisão invejáveis, evitando a dubiedade dos possessivos portugueses de 3.^a pessoa ⁽¹⁶⁾, e fixando com singeleza os laços de “posse relativa ou recíproca”, como dizem os gramáticos antigos.

Chamámo-los índices de relação, simplesmente, por funcionarem sempre como indicadores de um possuidor, e determinativos porque, além da propriedade indicativa da relação de posse, precisam com segurança se ela é exercida pelas primeira e segunda pessoas ou se pela terceira.

Isso quer dizer que as relações *de mim, de ti, de nós, de vós* ⁽¹⁷⁾, quando ha obrigatoriedade do uso dos índices, devem ser expressas pela posposição, aos pronomes pessoais — *eu, tu, nós, vós* — regidos, dos temas regentes

(15) Restivo (P. Paulo) — *Arte de la lengua guarani* por el P. Antonio Ruiz de Montoya de la Compañia de Jesus con los Escolios, Anotaciones y Apéndices del P. Paulo Restivo de la misma Compañia, sacados de los Papeles del P. Simon Bandini y de otros. Ed. Seybold. Stuttgart. MDCCCXCII, pags. 174 e segs.

(16) Carneiro Ribeiro (Ernesto) — *Ob. cit.* pag. 338.

(17) Adam (Lucien) — *Matériaux pour servir à l'établissement d'une Grammaire Comparée des dialectes de la Famille Tupí.* Paris, 1896, pag. 22: “Les relations de moi, de toi, de nous s'expriment, comme la relation du génitif en posposant aux pronoms personnelles régis le thème régissant affecté des préfixes *r, re*”.

ligados a um deles, ao passo que as relações *dele, deles, seu, seus*, são expressas por simples aposição, ao tema, de outros índices, independentemente da presença dos pronomes pessoais correspondentes.

Ainda mais: se no caso da terceira pessoa se constitue a relação de posse pela presença de nomes, isto é, de possuidores expressos, verificando-se portanto a relação de genitivo, cessa a ação do índice de terceira pessoa e aparece o mesmo que serve ás duas primeiras.

Como o emprego desse índices está sujeito a uma serie de exceções e ás alternativas do gênio da lingua, com grandes dificuldades se colhem, nos tratados, as regras que o norteiem e esclareçam.

Anchieta⁽¹⁸⁾ ao cuidar da “Construção mais particular dos Pronomes e Nomes”, expõe fragmentariamente a teoria dos relativos nos seguintes aspectos mais significativos, que reunimos nos seis itens seguintes:

a) — Na construção (exceto o nominativo e dativo que se poem indifferenter) sempre se prepoem o pronome, sive substantivo, sive adjetivo, ut *che jucá*, a mim me matam, *oré, jandé, ndé, pejucá, che jára*, meus dominus, *che recé*, me propter, et sic de cœteris, ut, *yjucá*, eum occidere, *yjára*, ejus dominus. O mesmo tem o genitivo, cuja é a cousa, e caso com preposição de todos os nomes, porque todas as preposições postponuntur, ut *Pedro jára*, Petri dominus, *Pedro recé*, Petrum propter⁽¹⁹⁾.

(18) Anchieta (José de) — Ob. cit. Ed. Platzmann. Lipsia, 1874, pags. 17 e segs.

(19) No texto impresso por Platzmann (ed. de 1874, cit.), ha sérias incongruencias gráficas que não podem ser imputadas a Anchieta. As confusões entre o i especial e o i ou y são cor-

b) — Os nomes começados por *t* tem por relativo *c* com zeura e preposito o adjectivo, ou genitivo, o mudam em *r*, e com o recíproco se perde, ut

teté, corpus, absolute.
ceté, ejus, eorum, vel eorum corpus.
che reté, meum corpus.
Pedro reté, Petri corpus.
oeté, suum corpus, vel, *ogoeté*.

porque se sóe interpor *go* ou *g* somente, onde *o* se encontra com outra vogal, propter concursum, e é melhor pronunção ⁽²⁰⁾.

Alguns ha que não tem *t*, mas somente *c* com zeura e sempre se ha de mudar em *r*, etc., ut supra, *cecé*, eum propter, *che recé*, etc. Fazem-se absolutos com *porô*, ut infra latius, *porecé*, vel *poroecé*. Outros ha que incluem no *t* assim o absoluto como o relativo, ut:

túba — pater, et ejus pater.
che rúba — meus pater.
Pedro rúba — Petri pater.
ogúba — suos pater.

Estes são poucos, scilicet estes ferè: *túba*, pater; *tamuya*, avus; *taíra*, filius; *tagíra*, filia; *tiquíira*, frater major; *tibíira*, frater minor; *tiquéra*, soror major, de femea; *tatuúba*, sogro; *taixó*, sogra (posto que estes

rentes. Anchieta usa *x* por *ch* de Montoya e *c* ou *ç* ante *e* e *i* como índice em relação, expresso por *h* aspirado nos autores de fala castelhana.

(20) Anchieta — Ob. cit. pags. 18-19.

dous melhor dizem com *ç*); *tubixába*, príncipe; este também pôde ter *ç*; *tinicêm*, cheio; *tì*, água, sumo ou caldo; *ticú*, ralo, licor; *tínga*, branco; este não muda o *t* em *r*; *turuçú*, grande. Deste não se usa senão na terceira pessoa ⁽²¹⁾.

c) — Alguns acrescentam *ça* inteiro ⁽²²⁾ ou *ç* somente, não o tendo o simples, ut *pé*, caminho, *çapé*, ejus via; *óca*, casa, com os seus compostos, *çóca*, ejus; *uíba*, frecha; *çuíba*, etc. Estes seguintes acrescentam *ce* inteiro, ut:

<i>ce</i>	{	<i>nhaen</i> ⁽²³⁾ cum compositis
		<i>nhaíúma</i>
		<i>nimbó</i> ⁽²⁴⁾
		<i>cuya</i>
		<i>cujá</i>

<i>ce</i>	{	<i>panacú</i>
		<i>moéma</i> , também tem <i>temoéma</i>
		<i>mbetára</i> , também <i>tembetára</i>
		(<i>p</i>) <i>urú</i> , cum suis compositis faz <i>cepurú</i> , interposito <i>p</i>

A todos os começados por *mi* acrescentam *ce* inteiro, quais são os verbais, e outros que também parece que nasceram de verbos.

(21) Anchieta — Ob. cit. pag. 18 e segs.

(22) Vide nota 19. *ça* = *ha* = *sa*.

(23) Nos autores de lingua castelhana *nh* = *ñ*.

(24) Por deficiência tipográfica usamos signal agudo (') com o valor que tem o circunflexo nos textos. Aliás ambos querem indicar tonicidade, visto não existir é nem ó abertos.

Haec ferè

ce	{	<i>miapé</i>
		<i>mimōya</i>
		<i>miára, vel mbiára</i>
		<i>mimoipóca</i>
		<i>mingaú</i>
		<i>mindipiron</i>
		<i>michira</i> ⁽²⁵⁾

Os verbais todos são absolutos também, ut *mijucá*, occisus, *cemijucá*, ejus occisus, vel ab eo occisus, et sic de reliquis. *Iíra*, sobrinho, e ejus sobrinho, serve o *i* por relativo, mas preposto o nome ou pronome, toma *r*, ut *che riíra*, etc.⁽²⁶⁾.

d) — Outros ha começados por *t* que o não mudam nem em *ç* nem em *r*, mas tem *i* por relativo, nem perdem o *t* com o recíproco, ut *tutíra*, avunculus, *ytutíra* ⁽²⁷⁾, ejus, *che tutíra*, meus, *otutíra*, suos, et quae sequuntur

<i>tì</i> (urina)	<i>tenhéa</i>	<i>tatenhé, vel taté</i>
<i>tin</i> ⁽²⁸⁾	<i>tunhambaé, tuibaé</i>	<i>tatác</i>
<i>tiapíra</i>	<i>tínga</i> (cosa a que temos fastio)	<i>tutúc</i>
<i>tapéra</i>	<i>tupã, vel tupána</i>	<i>tibitába</i>
<i>tába</i>	<i>tíra</i>	<i>ten</i>
<i>tapiíra</i>	<i>tagaíba</i>	<i>té</i>
<i>tíba</i>	<i>tirá</i>	<i>tecoaraíba</i>
<i>tubíra</i>	<i>tebíra</i>	<i>túnga</i>

(25) ch = x; *michíra* = *mixíra*.

(26) Anchieta — Ob. cit. pag. 19.

(27) *ytutíra* = *itutíra*.

(28) Anchieta emprega um signal especial para indicar os sons nasais; somos forçados a substituí-lo por n.

Em nomes de ervas, frutas, animais, materiais, começados por *t*, não se muda o *t* em *r*, ut:

tajá, nome de uma raiz:

che tajá, ytajá, otajá

tagoá, tobatinga, nomes de barro:

che tagoá, ytagoá.

Em nomes de animais não se sóe pôr antes o adjectivo, ou genitivo, ut, *tapiúra*, vaca, não se diz *che tapiúra*, minha vaca, senão *che reimbábatapiúra*; *pirá*, peixe, não se diz *che pirá*, senão *che rembiárapirá* ⁽²⁹⁾.

e) — Alguns começados por *c* com zeura não o mudam em *r*, mas tem *i* por relativo, depois do qual assim nos nomes, como nos verbos, sempre se segue *x* em lugar de *ç*, ut:

<i>cìg</i> ou <i>cì</i> ,	<i>mater</i>
<i>che cì</i> ,	<i>mea mater</i>
<i>ixì</i> ,	<i>ejus mater</i> ⁽³⁰⁾ .

E com o recíproco não perde o *ç*, ut *ocì*, sua *mater*.

Estes são poucos, haec ferè *cì, cùra, cìbá, círa, çáma, çuguaragì, çuguananhéya*.

De maneira que assim estes que não mudam o *ç*, como todas as mais partes (tiradas as sobreditas começadas por *t* ou *ç* que o mudam em *r*) tem por pronome

(29) Anchieta — Ob. cit. pag. 20.

(30) Na edição da "Arte" de Anchieta, feita pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1933, aparece *yxì, eius mater*; na que estamos estudando: *ixì, ejus mater*.

relativo *y*, ut *ába*, *capillus*, *yába*, *ejus capillus*, *oába*, *suus capillus*.

f) — A mesma mudança de letras se guarda nas preposições e verbos, ut ⁽³¹⁾:

tobaqué, coram
çobaqué, eo coram
che robaqué, me coram
oobaqué, se coram, vel *ogobaqué*.

Estes seguintes não mudam o *ç* em *r*, mas tem *i* com *x* por relativo, ut:

çuí, *yxuí*, *che çuí*, *oyoçuí*, vel *oyeçuí*
çocé, *yxocé*, *che çocé*, *oyoçocé*.

Postas de margem as numerosas divergências resultantes do sistema ortográfico adotado e a arbitrariedade no emprego do *i* semi-consonante gutural, do *y* e do *i* vogal, induz-se, com alguma dificuldade, que Anchieta penetrando o segredo dos índices determinativos de posse, não quiz abalançar-se a fixar regras normativas de uso, limitando-se a seguir o caminho oposto, isto é, a citar os casos de exceção.

Começa por fazer alusão a uma ocorrência menos comum: a dos verbos conjugáveis com auxílio de partículas pronominais de passivo, ou melhor, com funções de nomes, para em seguida, confusamente, exemplificar com *jára*, possivelmente decorrente de uma forma participial complexa, além do mais iniciada por um *j*, cujo

(31) Anchieta — ob. cit. pag. 22.

valor sônico oscila entre o do *i* português e do *y* castelhano. E sem os esclarecimentos indispensáveis, envolve dois casos que devem ser sempre bem compreendidos: o da simples relação de posse — *che jára* — e o do genitivo — *Pedro jára*.

As suas referências a nomes começados por *t* ⁽³²⁾ não são também suficientemente claras; os relativos e recíprocos aí aparecem sem que se hajam definido com precisão, e os casos particulares se sucedem sem que sejam consequentes a um ou a varios casos gerais.

Nas notas que reunimos sob a letra *c*), diz ele que “alguns acrescentam *ça* inteiro ou *ç* somente, não o tendo o simples”, e cita os casos:

pé, caminho — *çapé*, ejus
óca, casa — *çóca*, ejus

de tal forma que o leitor não percebe por que razão se ha de usar *ça* inteiro, ou apenas *ç* quando o “simples” não o tiver, se logo adiante encontra:

pó, mão — *ypó*, ejus
jaguár, cão — *yjaguár*, ejus

Sente-se que a obra de Anchieta não foi escrita para ser estudada sem os esclarecimentos de um mestre. Neste capítulo, principalmente, as dificuldades que se nos antolham são imensas e intransponíveis. Tudo aí está exato, não ha dúvida, mas expresso tão confusamente que não ha por onde se apanhe o fio de seus raciocínios.

(32) Anchieta — ob. cit. pag. 19.

A propósito do chamado recíproco *o*, ensina que dele se usa simpliciter, quando se refere a oração á pessoa agente, como na lingua latina, ut:

Pedro ojucá ogúba, Petrus occidit suum patrem ⁽³³⁾.

Havendo dois verbos numa oração, que fazem como duas orações dependentes uma da outra, sempre se ha de ter respeito ao principal verbo da oração e ao suposto dele se ha de referir o recíproco, *se*, vel *suus*, ut Pedro vai porque eu o mando, etc.; em todas estas se poem o recíproco e não *i*, nem *ç* relativos, ut

Pedro oçô { *yxeomondôreme*
endeomondôreme
ogúbaomondôreme e não *ymondôreme*

porque Pedro é a principal pessoa desta oração: quasi dicat *Petrus it, quia ego se mitto, quia tu se mittis, quia suus pater se misit*, i.e. *ipsum Petrus*, porque o principal verbo destas orações é: Pedro foi, e dele necessariamente se ha atender o recíproco, *se* et *suus*.

Nestas orações, ainda que a primeira e segunda pessoas sejam as principais partes delas, claro está que ha de usar do recíproco, porque é terceira pessoa, ut: amo a Pedro porque ama a seu pai:

açauçub Pedro ogúba rauçúme

et sic in cœteris primis et secundis personis utriusque numeri.

(33) Anchieta — Ob. cit. pag. 23.

Mas sendo ambas terceiras, como nesta:

Ioanne Pedro oçauçúb ogúba rauçúme,

Ioanne ama a Pedro porque ama a seu pai, pode-se referir seu pae assim a Pedro como a Ioanne, mas o mais certo é referir-se ao Ioanne, porque é o principal suposto da oração.

Conforme a isto algumas orações que no latim sofrem *suus*, não se sofrem no tupí-guaraní com recíproco, senão com relativo, ut: *sua virtus Petrum commendat*,

cecocatú Pedro oimombeú,

e não *oecocatú*, porque Pedro não é a pessoa agente da oração.

Montoya ⁽³⁴⁾ algo mais explícito, começa afirmando que “toda parte da oração que comece por *r* ou receba *r* de qualquer maneira que seja, tem por relativo *h* (*ç* de Anchieta) e por recíproco *g*, o qual por eufonia, admite *u* si o nome não o tiver ⁽³⁵⁾. Do nome *téra*, *che réra*, meu nome; *héra*, ejus; *guéra*, suum nomen. Do verbo *arecó* ⁽³⁶⁾, ter, *che rerecó*, tem-me, *herecó*, *guerecó*. Do participio *temí*, *che remimboé* ⁽³⁷⁾, o que eu ensino;

(34) Montoya (P. Antonio Ruiz de) — *Arte de la lengua guarani*. Nueva edicion. Viena-Paris, 1876.

(35) Idem — pag. 9.

(36) Montoya e todos os antigos gramáticos ao se referirem a infinitivos verbais, sempre o fazem anexando, ao tema ou raiz, o indicativo da primeira pessoa do singular, *a*. Assim: em lugar de *recó*, *arecó*.

(37) De *temí* + *mboé*. *Temí* ou *tembi* é partícula prepositiva de participio; *mboé*, verbo ensinar.

hemimboé, relativo; *guemimboé*, recíproco. De posposição, *tenondé*, diante, *che renondé*, diante de mim; *henondé*, *guenondé*.

Dos que começam por *h* (*ç* de Anchieta), *ahenói*, chamar, *che renói*, me chamam; *henói ramo*, chamando-o; *guenói ramo*, recíproco. Dos que recebem *r* sem o ter: *çooó*, carne; *che roó*, minha carne; *hoó*, relativo; *guooó*, recíproco.

As quatro exceções que abre para citar as palavras que começam por *t*, e não tem *h* por relativo, mas o proprio *t*; os nomes que têm dois relativos em *t* e em *h*; os nomes que, embora não se iniciem por *t*, *h*, *r*, recebem *r* ou *re* quando antecédidos de outros nomes ou pronomes que têm por relativo *h* e recíproco *g* e, finalmente, os nomes que começados por *t* não o mudam em *r* e não têm, por consequencia, o *h* relativo e o *g* recíproco, mas sim *y* relativo e *o* recíproco, são as mesmas notas de Anchieta postas em melhor ordem e com mais amplitude exemplificadora.

Além disso, o sistema ortográfico melhorado permite se livre o leitor dos perigos que o livro de Anchieta apresenta neste particular.

Para esclarecer a primeira exceção consigna ⁽³⁸⁾:

túba, pai, *che rúba*; *túba*, ejus pater; *gúba*.

tayra ⁽³⁹⁾ filho e seu filho, relativo; *guayra*, suos.

tajyra, filha e sua filha, relativo; *guajyra*.

(38) Montoya — Ob. cit. pag. 10.

(39) Usamos o *y* em lugar do *i* especial que aparece no texto. Para não haver confusão, o *y* castelhano de Montoya é representado, neste trabalho, pelo *j* de Anchieta.

tajy, por “veia”, recebe *h* relativo; *che rajy*, *hajy*, *guajy*.

tyqueyra, irmão mais velho, e seu irmão, relativo; *guyqueyra*, recíproco.

tyby, irmão mais moço e ejus; *guybyra*, suus.

tyby, por “sepultura” tem *h* e não faz relativo *tyby*; *che ryby*; *hyby*, ejus; *guyby*, suum sepulchrum.

túra, vinda e ejus; *gúra*, recíproco ⁽⁴⁰⁾.

2.^a exceção:

tatyú, sogro e seu sogro, relativo l, *hatyú*; *guatyú*.

tamõi, avô; *tamõi*, *hamõi*; *guamõi* ⁽⁴¹⁾.

taichó, sogra; *taichó*, *haichó*; *guaichó*.

tyquéra, irmã; *tyquéra*, *hyquéra*; *guyquéra*.

tubichá, grande; *tubichá*, *hubichá*; *gubichá*.

tupá, leite; *tupá*, l, *hupába*; *gupába*.

taybaí, diligencia; *taybaí*, *haybaí*; *guaybaí*.

3.^a exceção

çoo, carne; *che roó*, *hoó*, *guoo*.

ñaên, prato; *che reñaên*, *heñaên*, *gueñaên*.

panacú, cestinho; *che repanacú*, *hepanacú*, *guepanacú*.

(40) Em rigor *guúra*. E' de regra, porem, que os dois *uu* se reduzam a um apenas em todos os casos em que a duplicidade ocorra. Comparem-se estes termos com os da letra b), á pag. 20 deste trabalho.

(41) Em Anchieta vem *tamuya*. Comparem-se esses termos com os que se consignam sob letra b) á pag. 20 deste trabalho. Vide Montoya, ob. cit. pag. 10.

ñãêún, barro; *che reñãêún*, *heñãêún*, *gueñãêún*.
japepó, aza; *che rejapepó*, *hejapepó*, *guejapepó*.
pé, caminho; *che rapé*, *hapé*, *guapé*.
mimby, flauta, *che remimby*, *hemimby*, *guemimby* ⁽⁴²⁾.

4.^a exceção

<i>tupã</i> , deus; <i>che tupã</i> . <i>i. o. tupã</i> .	
<i>tebirõ</i> , infame. <i>i. o.</i>	<i>tuty</i> , tio. <i>i. o.</i>
<i>tabatin</i> , barro. <i>i. o.</i>	<i>ty</i> , urina. <i>i. o.</i>
<i>tin</i> , nariz. <i>i. o.</i>	<i>tarobá</i> , louco. <i>i. o.</i>
<i>timbó</i> , vapor. <i>i. o.</i>	<i>taby</i> , bobo. <i>i. o.</i>
<i>torõrõ</i> , manante. <i>i. o.</i>	<i>tujábae</i> , velho. <i>i. o.</i>
<i>tacy</i> , formiga. <i>i. o.</i>	<i>túng</i> , nigua. <i>i. o.</i>
<i>tapacurá</i> , ligas. <i>i. o.</i>	<i>tajaçú</i> , porco. <i>i. o.</i>
<i>tybyotá</i> , sobranceiras, <i>i. o.</i>	<i>tequaraí</i> , perdida. <i>i. o.</i>
<i>tába</i> , aldeia. <i>i. o.</i> ⁽⁴³⁾ .	<i>tyrã</i> , companhia. <i>i. o.</i>

Todo nome, acrescenta, verbo ou qualquer parte da oração que não comece pelas ditas letras *t*, *h*, *r* tem *i* por relativo e por recíproco *o*: *iára*, amo, senhor; *che iára*, meu amo; *iiára*; *oiára*, *suus dominus* ⁽⁴⁴⁾.

Ao relativo *i* e recíproco *o* junta-se muitas vezes *h*; ut *iá*, *l*, *hiá*, *ejus fructus*, *oá*, *l*, *hoá*, *suus*. O nome *cy*, mãe, admite *h* no relativo; *ichy*, *ejus mater* ⁽⁴⁵⁾.

(42) Montoya — Ob. cit. pag. 11.

(43) Montoya — Ob. cit. pag. 11.

(44) Anchieta grafa *jára*.

(45) Vide pag. 23 deste trabalho e a nota (30).

Figueira ⁽⁴⁶⁾, muito menos minucioso, refletindo em sua ortografia as variantes fonéticas a que já nos referimos, sintetisa a teoria dos índices determinativos de posse em quatro regras, com as suas correspondentes exceções. Não diz com precisão o que entende pelas letras que se substituem nos diversos acidentes de posse e não faz referencia á função do *t*.

Todos os nomes, lê-se em sua "Arte" ⁽⁴⁷⁾, que começam por *ç* com zeura, sendo relativos conservam o mesmo *ç*; ut *çába* (é e o mesmo *ç* de Anchieta e o *h* de Montoya), a penugem, ou a pena miúda dos pássaros; *che rába* ⁽⁴⁸⁾, minha pena; *nde rába*, tua pena; *çába*, sua pena. Se o nome que havia de ser relatado está presente imediatamente antes do *ç*, muda-se em *r*, como vemos: *quirárába*, a pena do pássaro; *çába*, a sua pena.

Vê-se que confunde também os dois aspectos das relações de posse, não distinguindo o indicado pelos determinativos e pelo genitivo.

A sua segunda regra ⁽⁴⁹⁾, por falta de método, traz á colação verbos ativos excepcionais, como a terceira ⁽⁵⁰⁾ repete os exemplos de Anchieta, simplesmente. A quarta, sem razão alguma ⁽⁵¹⁾, trata em particular dos nomes

(46) Figueira (P. Luiz) — *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica*. Nova edição dada á luz e anotada por Emilio Allain. Rio de Janeiro, 1880.

(47) Figueira — *Ob. cit.* pag. 73.

(48) Nesta edição de Figueira (a de Allain) o *ch* é representado por *x*.

(49) Figueira — *Ob. cit.* pag. 74.

(50) *Idem. Idem*, pag. 76.

(51) *Idem. Idem*, pag. 79, in fine.

começados por *a*, *b*, *c*, sem zeura, etc., que tomam *i* por relativo.

Isso quer dizer que o que devêra constituir fundamento para a indução de regras gerais, foi incluído nas muitas exceções que houve por bem registrar.

Quando fala dos recíprocos trata não apenas do chamado “recíproco” determinativo de posse, mas também de verbos de ação recíproca ⁽⁵²⁾, estabelecendo séria confusão. Só no final do capítulo, aliás extremamente sintético, faz referências ao *o* e ao *gu*, pondo todos os seus ensinamentos em duas regras pouco precisas.

A primeira diz: usamos da letra *o*, por recíproco, quando a terceira pessoa torna sobre coisa sua, ut: Pedro está na sua roça, *Pedro ocópe cecóu*; tem sua mãe consigo, *ocy oguerecóu oirúnamo* ⁽⁵³⁾.

A segunda é um caso particular da primeira: usamos mais do recíproco *o*, quando a terceira pessoa cai sobre si mesma, com alguma das preposições seguintes, ou semelhantes: *irúnama*, *pyri*, *áribó*, *tenondé*, *ybyri*, *cupépe*, *guyrpe*; ut Pedro te leva consigo, *Pedro de reraçó oirúnamo*; diante de si, *oguenondé* ⁽⁵⁴⁾.

Depois do recíproco *o*, continua, se mete muitas vezes a dição *gu*, sendo a letra *u* líquida, comumente quando os nomes começam por *r* ou por *ç*, com zeura, ou *t*, ut: *che rauçupára*; reciprocamente: *oguaçupára*, *túba*, *ogúba*. De modo que as letras *t*, *ç* se mudam em *g*:

(52) Idem. Idem, pag. 81.

(53) No texto vem sempre o verbo *éco* seguido de um *u*.

(54) Figueira — ob. cit. pag. 84.

salvo nos seis verbos acima apontados ⁽⁵⁵⁾ os quais nunca perdem o *ç*, nem o mudam, salvo em *x*, precedendo *i*. O mesmo modo têm os verbos neutros que tem *ç*, com zeura, depois de artigo, ut: *açó*, etc., ut: *Pedro noipo-tári oçó*, não quer o seu ir, scilicet, não quer ir.

De que todos conheciam praticamente o emprego dessas partículas são testemunhos claros os trabalhos literários escritos com correção por eles próprios, e pelos que aprenderam a lingua na mesma escola do trabalho e do sofrimento. Neste trecho da “Conquista Espiritual”, vários exemplos se encontram da justa aplicação dos determinativos, como é facil perceber:

“Carai ocem jepé hagué ogueró angapyhy, haé guetáme ojeby haguã rehé ñote iñangáta oicóbo. Acói icarai eymbae Carai águi che rembirô quyhyjé cué obahê chébe, haé guapichá águi oñeangú catú ramo ndojeby potabéyn guetáme, che irún ramo ñote iqyreyn mêmê. Haé ramo mbojepí oroguatá icarai eymbae oré amotá-reymbára águi oroyepeábo” ⁽⁵⁶⁾.

Aí encontramos *haé guetáme ojeby haguã rehé ñote iñangáta oicóbo*, onde os chamados recíprocos têm aplicação exata:

guetáme —> *guetã + me (pe)* —> *gu+etã+me (pe)*
ojeby —> *o + jeby,*

indicando clàramente que os brancos cuidavam de sua volta (*deles, o*) á sua patria (*deles, gu*).

(55) Esses verbos são: *aioçoc*, *aioçyb*, *aioçub*, *aixoó*, *aixuí*, *aixubán*. Vem á pag. 83 da ob. cit. de Figueira.

(56) *Abá retá icarai eyn baecué Tupã etc.* In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. VI, pag. 217. Rio de Janeiro, 1879.

Sem que os velhos gramáticos houvessem esclarecido a razão do uso de *gu* no primeiro caso, e do *o*, no segundo, aí está demonstrado que *gu* se aplica ás palavras iniciadas por vogal e *o* ás que se iniciam por consoante. Logo a seguir, vemos tambem *guapichá*, seus parentes (*deles*, *acói icaraí eymbae*) onde aparece o *gu* afetando o tema *apichá*, *apichár*.

Da mesma forma, nos catecismos ⁽⁵⁷⁾ que provêm dos primeiros tempos, com idêntico rigôr são aplicados os índices de relação, tudo demonstrando, enfim, que à falta apenas de análise dessas ocorrências se devem atribuir as confusões das gramáticas e as deficiências de esclarecimento, perceptíveis até hoje nas obras modernas.

De todos estes autores, aquele que com mais larga visão tentou justificar o emprego de relativos e recíprocos foi, sem contestação, Batista Caetano ⁽⁵⁸⁾. Notavel conhecedor da lingua e analista minucioso da célebre "*Abá retá ycaray eyn baecué Tupã upé yñemboaguiyé ucá Pay de la Comp.^a de I. H. S. poromboéramo*", não teve, porém, oportunidade de, em seu valiosíssimo "Esboço Gramatical", abordar a fundo o emaranhado problema. Apontamentos e notas esparsas encontram-se no "Voca-

(57) Principalmente os de: Montoya — Catecismo de la lengua guarani, de 1640; Padre João Filippe Betendorf. — Compendio de Doutrina Christã, na lingua Portugueza, e Brasília, de 1687; Padre Antonio de Araujo — Catecismo Brasilico da Doutrina Christã, de 1618. Vide na Bibliografia, in fine, esses nomes.

(58) Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Esboço Gramatical do Abãñê ou Lingua Guaraní, chamada tambem no Brasil Lingua Tupí ou Lingua Geral, propriamente Abañênga. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. VI. Rio de Janeiro. 1879.

bulário” (59), sem o nexó imprescindível, entretanto, á formação de um elucidário mais ou menos completo.

Reunindo sob a denominação genérica de pronomes as partículas pronominais, cuja função não é a mesma das desinências verbais das linguas latinas, e os pronomes pessoais propriamente ditos, dá a denominação de *pronomes agentes* ás primeiras e a de *pronomes pacientes* aos segundos (60). Entre estes, sem muita razão, incluye quatro índices de relação determinativa de posse, levado talvez pelo fato de se os traduzirem em português, em certas orações, por pronomes de caso obliquo, e pela coincidência do uso do *i* e do *o* como indicadores de 3.^a pessoa junto de verbos.

Ora, é fácil verificar que nas próprias exemplificações do grande mestre, sempre que aparecem os seus pronomes pacientes de terceira pessoa, o verbo deixa de funcionar como tal para funcionar como substantivo e para poder entrar em estado de possessão, determinado pelos índices de relação.

Nos dois casos — índices prepostos a verbos transitivos e intransitivos ou a nomes — surge sempre a ideia de posse, e não de ação, se se não confundir *i* e *o*, partículas pronominais, com *i* e *o*, índices de relação possessiva.

Aliás, é o que se induz dos quadros de Batista Caetano, insertos em seu excelente trabalho para demonstrar as possiveis interpretações que se podem dar

(59) Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da “Conquista Espiritual” do Padre A. Ruiz de Montoya. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. VII. Rio de Janeiro, 1879.

(60) Idem — Esboço Gramatical, pags. 9 e 10.

aos verbos da 1.^a conjugação, quando se lhes antepõem partículas pronominais ou pronomes e quando se lhes atribue função nominal. Ora, é justamente quando o verbo se transforma em nome que aparecem os índices de relação com seu justo valor e força, tanto quanto é quando o verbo sofre a presença de pronomes que a estes se dá o caracter de paciente ou acusativo.

Podemos realmente, prescindindo de varias letras que entram na formação de casos especiais de verbos da primeira conjugação, quando supostos da segunda, admitir ⁽⁶¹⁾:

<i>a-bebé</i> vôo	<i>che-bebé</i> vôo-me	<i>che-bebé</i> o meu voar
<i>re-bebé</i> vôas	<i>nde-bebé</i> vôas-te	<i>nde-bebé</i> o teu voar
<i>o-bebé</i> vôa	<i>i-bebé</i> vôa-se	<i>i-bebé</i> o voar dele

<i>a-há</i> vou	<i>che-hó</i> vou-me	<i>che-hó</i> o meu ir
<i>re-hó</i> vais	<i>nde-hó</i> vais-te	<i>nde-hó</i> o teu ir
<i>o-hó</i> vai	<i>i-hó</i> vai-se	<i>i-hó</i> o ir dele

Mas, vemos nesses exemplos, claramente: na primeira coluna, a conjugação regular dos verbos com as partículas pronominais funcionando como desinencias em portugûês; na segunda, os pronomes pessoais representando o paciente ou acusativo e, na terceira, o verbo com funções evidentes de substantivos: *o meu voar* — *o meu*

(61) Batista Caetano — *Esboço Gramatical*, cit. pag. 28. A' pagina 21 do mesmo "Esboço" lê-se: — Os infinitivos precedidos dos pronomes pacientes podem figurar de substantivos e tambem de infinitivos de modo análogo aos do latim *me dormire*, *te manere*, etc. Assim *che cema*, o me sair, o sair de mim, a minha saida; *nde pába*, o te acabar, o acabar de ti, o teu acabar".

vôo; o meu ir — a minha ida; o voar dele — o vôo dele; o ir dele — a ida dele.

Não ha razão alguma, portanto, para que sejam incluídos como pronomes pacientes os índices de relação possessiva que, com os verbos só aparecem quando eles se transformam ou são considerados substantivos. Analisaremos logo a seguir as peculiaridades dessas formações.

DO DEMONSTRATIVO GENÉRICO T E DOS TEMAS EM GERAL

Para compreensão perfeita da teoria dos relativos e recíprocos, ha vantagem em considerar o *t* que ocorre fixo ou movel em numerosas palavras da lingua, como um demonstrativo geral ou mesmo como um demonstrativo articular.

De fato, a análise demonstra que grande número de palavras suceptíveis de receber índices de posse, quer sejam *r*, *h*, *i*, *o*, ou *gu*, passam de uma fase de indeterminação completa para um estado de não-posseção ou estado absoluto, caracterizado pela anexação de um *t* ⁽⁶²⁾.

Este *t* é que as individualisa, seja de maneira vaga, seja de maneira precisa. Assim

<i>eçá</i> — olho, olhos	—>	<i>teçá</i> — o olho, os olhos
<i>etã</i> — patria	—>	<i>tetã</i> — a patria
<i>enondé</i> — frente	—>	<i>tenondé</i> — a frente
<i>úb</i> — pai	—>	<i>túb</i> — o pai
<i>ecó</i> — ter	—>	<i>tecó</i> — o ter
<i>acy</i> — doêr	—>	<i>tacy</i> — o doêr, a dor
<i>apé</i> — caminho	—>	<i>tapé</i> — o caminho.

(62) Anchieta — *Arte de Gramática* cit. pags. 12 e 17.

Montoya — *Arte de Gramática* cit. pag. 40.

Martinez (Alfredo) — *Orígenes y leyes del Lenguaje aplicadas al idioma guaraní*, pag. 198 e segs.

Batista Caetano — *Esboço Gramatical*, cit. pag. 43.

Ora, admitida a existência, pelo menos teórica, das palavras em estado de indeterminação, tais como *eçá*, *etã*, *enondé*, etc., e verificada a perda do *t*, que as pôs em estado absoluto, desde o momento em que entram em estado de possessão relativa por força dos índices ou da presença do pronomes, é logico admitir que é o *t* que se substitue por outros índices e não os índices que diretamente se vão antepor ao tema primário. Ha como que uma passagem harmônica do estado indeterminado para o estado de possessão relativa ou recíproca.

Como, porém, esse fato só se verifica com frequência nas palavras que se iniciam por vogal, isto é, nas que têm vogal inicial quando reduzidas ao seu estado de indeterminação, em duas classes se hão de dividir os temas capazes de serem alterados pelos índices de relação:

1.º — iniciados por vogal

2.º — iniciados por consoante

Da mesma maneira que os pertencentes á primeira classe se consideram em estado de não possessão quando trazem anteposto o *t*, os da segunda devem ser considerados tambem nesse estado, embora não o tenham aparentemente:

mbaé, cousa —> *mbaé*, a cousa

quycé, faca —> *quycé*, a faca.

Considerando assim os temas, estão eles aptos a passar para os estados de relação de possessão e de relação dita de genitivo.

Permutarão os da primeira categoria o seu *t* característico pelos índices próprios e receberão, os da segunda, esses mesmos índices por simples anteposição.

Quatro casos especiais de relação podem apresentar-se para cada classe: ⁽⁶³⁾

- 1.º — das relações *de mim, de ti, de nós, de vós*
- 2.º — da relação *dele*
- 3.º — da relação *de si*
- 4.º — da relação *de genitivo*.

As relações *de mim, de ti, de nós, de vós*, quando as palavras são da primeira classe, se exprimem pospondo aos pronomes pessoais *che, nde, oré, pendé*, regidos, o tema regente em que o *t* se substitue por *r*. Assim: ⁽⁶⁴⁾

<i>eçá</i> —>	<i>teçá</i> —>	{	<i>che reçá</i> — os olhos de mim <i>nde reçá</i> — os olhos de ti <i>oré reçá</i> — os olhos de nós <i>pendé reçá</i> — os olhos de vós
<i>etã</i> —>	<i>tetã</i> —>	{	<i>che retã</i> — a pátria de mim <i>nde retã</i> — a pátria de ti <i>oré retã</i> — a pátria de nós <i>pendé retã</i> — a pátria de vós
<i>enondé</i> —>	<i>tenondé</i> —>	{	<i>che renondé</i> — a frente de <i>mim</i> <i>nde renondé</i> — a frente de ti <i>oré renondé</i> — a frente de <i>nós</i> <i>pendé renondé</i> — a frente de vós

(63) Adam (Lucien) — ob. cit. pag. 22 e segs.

Sampaio (Teodoro) — O Tupi na Geografia Nacional, 3.^a ed. pag. 35.

(64) Batista Caetano — Vocabulário cit. étimos: *eçá, etã, enondé, ecó*. Montoya — ob. cit. pag. 5, nota 2.^a.

$$ecó \longrightarrow tecó \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} che \text{ recó} \text{ — o ter de mim} \\ ndê \text{ recó} \text{ — o ter de ti} \\ oré \text{ recó} \text{ — o ter de nós} \\ pendé \text{ recó} \text{ — o ter de vós} \end{array} \right.$$

Como está evidente, as relações *de mim*, *de ti*, etc., aplicam-se ás categorias gramaticais diversas e se revelam pela existencia do *r* que as afeta e que lhes transmite desde logo a ideia de possessão que ha de ser exercida por uma das duas primeiras pessoas: *che*, *oré*, ou *ndé*, *pendé* ⁽⁶⁵⁾.

Paralelamente á passagem do nominativo, do estado de indeterminação para o estado de não-possessão, manifestado pela presença do *t*, dá-se a passagem do estado absoluto para o de relação de primeira e segunda pessoas, graças á substituição do mesmo *t* pelo *r*.

Por isso, como dizemos que *eçá*, *etã*, *enondé*, *ecó*, valem apenas *olho*, *pátria*, *frente* e *ter*; e *teçá*, *tetã*, *tenondé*, *tecó* valem *o olho*, *a pátria*, *a frente*, *o ter*, poderemos dizer que *reçá*, *retã*, *renondé* e *recó* correspondem a *o olho de*, *a pátria de*, *a frente de*, *o ter de*; *de mim (che)*, *de ti (nde)*, *de nós (oré)*, *de vós (pendé)*.

Á uma primeira determinação por meio do *t*, corresponde uma segunda de possessão, por meio dos pronomes.

E' evidente que, ao traduzir as expressões para o português, mantivemo-nos rigorosamente dentro do campo dos correspondentes léxicos, para evitar confusões. Sa-

(65) Batista Caetano — Esboço Gramatical cit. pag. 10, parag. 12.

bemos que, por extensão, *tecó* se traduz também por *vida*, *norma*, *conduta*, mas quizemos manter o sentido primário, que, aliás, se revelaria, mesmo em português, nas expressões *tenencia* e *tença*, embora antiquadas.

À segunda classe pertencem numerosas palavras que se iniciam por consoantes quaisquer, isto é, inclusive as iniciadas por *r* e *n* ou *ro* e *no*, e mesmo algumas por *m*. Mas, com rigor, poderíamos considerá-las como da primeira classe, recebendo *te* em lugar do *t* simples e, vice-versa, muitas daquelas poderiam passar para esta, desde que as considerássemos com *r* apôsto, tais como *ayr*, *rayr*; *eçá*, *reçá*, etc.. Temos, entretanto, a distinguir entre as que têm *r* apôsto *de transição* ou *r* apôsto *permanente*.

Reçá, por exemplo, tem um *r* apôsto transitorio, pois o abandona logo que *eçá* entra em estado de relatividade ou de reciprocidade possessiva, ao passo que *rahá* tem um *r* apôsto permanente, pois mesmo nas relações *de mim*, *de ti*, *de nós*, *de vós*, recebe outro *r* (*re*) e não o perde quando acrescido de outros índices ⁽⁶⁶⁾.

Isso demonstra que muitas das palavras iniciadas por consoante no momento em que se tratou do estudo da língua (meados do século XVI), poderiam em épocas anteriores ter tido vogais iniciais. A própria índole da língua, não permitindo a junção de duas consoantes (*pr*, *gr*, *cr*, *rp*, *ct*, etc.) pôde ser argumento favo-

(66) Adam (Lucien) — Ob. cit. pag. 22 diz: “La relation de vous s’exprime en posposant au pronom personnel régi, le thème régissant affecté des préfixes nd-, nde-. Ex: pê nd-ugy, le sang de vous, pê- nd- úb le père de vous; pê nde-panakú le panier de vous”. Há evidente confusão. Nenhum dos clássicos sugere o caso de nd, nde, como prefixos.

ravel a essa asserção, como a não existência de *b*, *d*, *g* puros deve merecer atenção sob esse ponto de vista.

De qualquer forma, porém, nestas que consideramos iniciadas por consoante, ha encapsulada a ideia de não possessão, e semi-velada a ideia de relações *de mim*, *de ti*, etc., porque semi-expressa está ela graças a presença dos pronomes *che*, *nde*, etc.

Assim, aquelas mesmas relações, quando as palavras são consideradas como da segunda classe, exprimem-se pela simples posposição do tema regente aos pronomes pessoais regidos:

$$mbaé \rightarrow mbaé \rightarrow \begin{cases} che mbaé & \text{— a cousa de mim} \\ nde mbaé & \text{— a cousa de ti} \\ oré mbaé & \text{— a cousa de nós} \\ pendé mbaé & \text{— a cousa de vós} \end{cases}$$

$$quycé \rightarrow quycé \rightarrow \begin{cases} che quycé & \text{— a faca de mim} \\ nde quycé & \text{— a faca de ti} \\ oré quycé & \text{— a faca de nós} \\ pendé quycé & \text{— a faca de vós} \end{cases}$$

Apenas para efeito de raciocínio poderíamos supor *mbaé* e *quycé* precedidos de *te* e de *re*, e dizer:

$$mbaé \rightarrow tembaé \rightarrow \begin{cases} che rembaé \\ nde rembaé \\ oré rembaé \\ pendé rembaé \end{cases}$$

$$quycé \rightarrow tequycé \rightarrow \begin{cases} che requycé \\ nde requycé \\ oré requycé \\ pendé requycé \end{cases}$$

Embora pareça verdadeiro absurdo essa formação no estado atual da língua, não deixa de ser interessante notar o fato de encontrarmos:

<i>ñaên</i>	—>	{	<i>che reñaên</i>
			<i>nde reñaên</i>
			<i>oré reñaên</i>
			<i>pendé reñaên</i>
<i>nimbó</i>	—>	{	<i>che renimbó</i>
			<i>nde renimbó</i>
			<i>oré renimbó</i>
			<i>pendé renimbó</i>
<i>panacú</i>	—>	{	<i>che repanacú</i>
			<i>nde repanacú</i>
			<i>oré repanacú</i>
			<i>pendé repanacú</i>
<i>mimby</i>	—>	{	<i>che remimby</i>
			<i>nde remimby</i>
			<i>oré remimby</i>
			<i>pendé remimby</i>

E com a agravante de não receberem *i* e *o* para as relações *dele* e *de si*, mas também *h* e *gu*, característicos das palavras começadas por vogal. São exceções, não há dúvida, mas que podem sugerir *rembaé* e *requycé*.

(67) Anchieta — Arte de Gramática, cit. pag. 19.
 Montoya — Arte de Gramática, cit. pag. 11.
 Figueira — Arte de Gramática, cit. pag. 80.

Como no caso anterior, as traduções aqui se atêm ao restrito significado dos termos componentes.

Estudadas essas relações, que são as genéricas para as duas primeiras pessoas, vejamos como indicar as de terceira, sempre mais complexas.

A relação *dele* (*deles, dela, delas*), exprimem-se pela anteposição ao tema, de *h*, quando pertencente á primeira classe, e de um *i*, quando pertencente á segunda, isto é, iniciada por consoante. Dizemos *h* porque é este signal o mais corrente e o único que póde indicar com justeza a leve aspiração com que se deve pronunciar a vogal inicial do tema.

Anchieta, entretanto, usou sempre do *ç*, e outros autores adotam o *s*. A propósito deste índices é conveniente notar, tambem, que nos textos aparece o *i* confundido com *y* e ambos com *h* ou *i*, demonstrativos de substantivos e adjetivos, principalmente de origem participial, bem como com os dos participios passados em *pyr*.

Teremos, usando de palavras da primeira classe:

$$\begin{array}{l}
 eçá \longrightarrow teçá \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ reçá \\ nde\ reçá \\ oré\ reçá \\ pendé\ reçá \end{array} \right. \longrightarrow heçá \\
 \\
 etã \longrightarrow tetã \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ retã \\ nde\ retã \\ oré\ retã \\ pendé\ retã \end{array} \right. \longrightarrow hetã \\
 \\
 enondé \longrightarrow tenondé \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ renondé \\ nde\ renondé \\ oré\ renondé \\ pendé\ renondé \end{array} \right. \longrightarrow henondé
 \end{array}$$

$$ecó \rightarrow tecó \rightarrow \begin{cases} che\ recó \\ nde\ recó \\ oré\ recó \\ pendé\ recó \end{cases} \rightarrow hecó$$

A mesma relação, quando tratar-se de temas da segunda classe, dará:

$$mbaé \rightarrow mbaé \rightarrow \begin{cases} che\ mbaé \\ nde\ mbaé \\ oré\ mbaé \\ pendé\ mbaé \end{cases} \rightarrow imbaé$$

$$quycé \rightarrow quycé \rightarrow \begin{cases} che\ quycé \\ nde\ quycé \\ oré\ quycé \\ pendé\ quycé \end{cases} \rightarrow iquycé$$

São esses dois índices os chamados *relativos* nas velhas gramáticas.

E' ao *h* e ao *i* que Batista Caetano ⁽⁶⁸⁾ chama pronomes pacientes, considerando-os, por certo, em função dos verbos. Deixam de ter essa função, evidentemente, quando se incorporam ao tema para indicar relatividade de posse, como aliás o mesmo autor sugere em seu Vocabulário ⁽⁶⁹⁾. Como pronomes valem *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes* e, com os substantivos ou palavras substantivadas: *do*, *da*, *dos*, *das*, *déle*, *dela*, *deles*, *delas*. Vê-se que ha uma completa harmonia de valores, alternando-se o *h* e o *i* conforme o tema se inicia por vogal ou consoante.

(68) Batista Caetano — Vocabulário, cit. letras H, I, Y.

(69) Batista Caetano — Vocabulário, cit. pag. 147.

Nas palavras, de exceção, que têm *r*, *n* e, às vezes, *m*, ou outras suscetíveis de receber *h*, aparece um *e* eufônico; o índice torna-se *he*, tal como em:

$$\begin{array}{l} \text{\textit{ñaéún}} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{\textit{che reñaéún}} \\ \text{\textit{nde reñaéún}} \\ \text{\textit{oré reñaéún}} \\ \text{\textit{pendé reñaéún}} \end{array} \right. \longrightarrow \text{\textit{heñaéún}} \end{array}$$

$$\begin{array}{l} \text{\textit{mymbá}} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{\textit{che remymbá}} \\ \text{\textit{nde remymbá}} \\ \text{\textit{oré remymbá}} \\ \text{\textit{pendé remymbá}} \end{array} \right. \longrightarrow \text{\textit{hemymbá}} \end{array}$$

Quanto ao *i*, considerado apenas índice de relação, pôde aparecer também, excepcionalmente, antes dos temas começados por vogal *e*, nesse caso, que exigiria uma série de observações estranhas á finalidade deste trabalho, desdobra-se em *ij*, ou *iñ* se a vogal que se lhe segue é nasal ⁽⁷⁰⁾.

Podemos citar um exemplo para cada caso:

$$\begin{array}{l} \text{\textit{apó}} \longrightarrow \text{\textit{i+apó}} \longrightarrow \text{\textit{ijapó}} \\ \text{\textit{amotareyn}} \longrightarrow \text{\textit{i+amotareyn}} \longrightarrow \text{\textit{iñamotareyn}} \end{array}$$

Demais, é preciso sempre ter em vista as várias funções que podem ser exercidas pelo *h* e pelo *i*, inclusive a de índice de transitividade dos verbos, muito intimamente ligada ás funções de relativos.

(70) Batista Caetano — Esboço Gramatical, cit. pag. 13.
Restivo (Paulo) — Arte de la lengua guaraní, cit. pag. 169.

Montoya (A. Ruiz de) — Arte de Gramática, cit. pg. 12.

A relação *de si*, confusa em português ⁽⁷¹⁾, exprime-se pela anteposição, aos temas da primeira classe, de *gu*, obtendo-se o desenvolvimento completo das relações de posse:

<i>eçá</i> →	<i>teçá</i> →	}	<i>che reçá</i>						
			<i>nde reçá</i>	→	<i>heçá</i>	→	<i>gueçá</i>		
			<i>oré reçá</i>						
			<i>pendé reçá</i>						
<i>etã</i> →	<i>tetã</i> →	}	<i>che retã</i>						
			<i>nde retã</i>	→	<i>hetã</i>	→	<i>gueta</i>		
			<i>oré retã</i>						
			<i>pendé retã</i>						
<i>enondé</i>		}	<i>che renondé</i>						
→	<i>tenondé</i>	→	<i>nde renondé</i>	→	<i>henondé</i>	→	<i>guenondé</i>		
			<i>oré renondé</i>						
			<i>pendé renondé</i>						
<i>ecó</i> →	<i>tecó</i> →	}	<i>che recó</i>						
			<i>nde recó</i>	→	<i>hecó</i>	→	<i>gucó</i>		
			<i>oré recó</i>						
			<i>pendé recó</i>						

Aos temas da segunda classe antepõe-se *o* para a indicação determinativa da mesma relação:

(71) Carneiro Ribeiro (Ernesto) — *Serões Gramaticais*, pag. 338: “Ao adjetivo seu, sua, seus, suas ajuntam-se às vezes as variações pronominais, dele, dela, deles, delas, quando do emprego do possessivo resulta algum equívoco, dizendo-se seu livro dele, seus livros deles, seus livros dele, sua casa deles, sua casa delas. Tais modos de dizer, ainda que são aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado”.

$$mbaé \rightarrow mbaé \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ mbaé \\ ndê\ mbaé \\ oré\ mbaé \\ pendé\ mbaé \end{array} \right. \rightarrow imbaé \rightarrow ombaé$$

$$quycé \rightarrow quycé \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ quycé \\ nde\ quycé \\ oré\ quycé \\ pendé\ quycé \end{array} \right. \rightarrow iquycé \rightarrow oquycé$$

Estes índices, *gu* e *o*, são os chamados recíprocos.

As mesmas observações que fizemos a propósito de *h* e *i*, aplicam-se aos índices *o* e *gu*. Com eles forma-se grande numero de adjetivos, e até adverbios, mediante o auxílio de partículas de gerúndio e de outras: ⁽⁷²⁾

pele — *pí* —> *o* + *pí* + *bo* —> *opíbo* — em sua pele, nú.
 pé — *py* —> *o* + *py* + *pe* —> *opype* — com seus pés,
 a pé.

dor — *acy* —> *gu* + *acy* + *pe* —> *guacype* — com sua
 dor, dificilmente.

coração — *pyá* —> *o* + *pyá* + *pe* —> *opyápe* — de co-
 ração, cordialmente.

Como no caso das dições começadas por *r*, *n* e *m*, as quais podem receber *h* (*e*) excepcionalmente, recebem também *gu* em lugar de *o*. Daí a regra que manda intercalar *gu* (*e*) entre o índice pronominal de 3.^a pessoa e o tema dos verbos de 1.^a conjugação que se iniciam por *r*.

(72) Montoya (Antonio Ruiz de) — Vocabulario y Tesoro de lengua guarani — Parte segunda, pags. 257v., 127 e segs.

E é exatamente neste aspecto interessantíssimo da gramática que se salienta a diferença entre índice pronominal e índice de relação de posse, pois o primeiro, nos verbos referidos, é *o* (*a, re, o*) e o segundo é *gu*.

Ora, segundo a regra geral, a terceira pessoa sendo indicada por *o* e o tema verbal começando por consoante, deveríamos ter *o + o* quando, na verdade, temos *o + gu(e)*. O *o* representa a 3.^a pessoa e o *gu(e)* a relação de reciprocidade.

Como a questão é subtil e depende da análise de inúmeros casos positivos, não poderemos com ela nos preocupar neste momento. Baste a constatação desse fato de alta significação.

Finalmente, para o quarto caso da relação dita de genitivo, como ocorre nas hipóteses das relações *de mim, de ti, de nós, de vós*, basta pospôr, ao tema regido, o tema regente acrescido de *r* quando pertença á primeira classe: (73)

cunhã reçá — os olhos da mulher.
abá retã — a patria do homem.

Pertencendo o tema á segunda classe, a relação se exprime pospondo apenas o tema regente ao tema regido:

cunhã quycé — a faca da mulher.
abá mbaé — as cousas do homem.

(73) Martinez (Alfredo) — Orígenes y leyes del language aplicadas al idioma guarani, cit. pag. 313: “La primera forma de transmutación del posesivo, al genitivo, se hizo anteponiendo a la cosa poseída, en caso posesivo, la entidad poseedora”.

Figueira (P. Luiz) — Arte de Gramatica, cit. pag. 16.

Temos assim, em linhas gerais, e sem cuidar de casos de exceção, o processo normativo para o uso dos índices de relação determinativa de posse, que se resume no esquema seguinte, chamando **T** o tema; **Tr** o tema regido; **TR** o tema regente e **Pr** o pronome regido:

Pr + rTR	—	1.º caso da 1.ª classe
Pr + TR	—	1.º caso da 2.ª classe
hT	—	2.º caso da 1.ª classe
iT	—	2.º caso da 2.ª classe
guT	—	3.º caso da 1.ª classe
oT	—	3.º caso da 2.ª classe
Tr + rTR	—	4.º caso da 1.ª classe
Tr + TR	—	4.º caso da 2.ª classe

Vê-se por aí, claramente, que os primeiros e quartos casos se equivalem; naqueles aparecem pronomes pessoais e nestes temas gerais, ambos regidos.

Os chamados índices relativos são, como dissemos, *h* e *i*; os chamados recíprocos *gu* e *o*. A *h* corresponde *i* como a *gu* corresponde *o*.

Aplicando estas regras aos exemplos citados por Anchieta, Montoya e Figueira, verificaremos a sua justeza e simplicidade⁽⁷⁴⁾, considerados os verbos como substantivos:

Anchieta:

(74) Anchieta — *Arte de Gramática*, cit. pag. 17.

Montoya — *Arte de Gramática*, cit. pag.40.

Figueira — *Arte de Gramática*, cit. pag. 71.

Vide pag. 19 deste trabalho.

<i>Che júcá</i>	Pr + TR
<i>Che jára</i>	Pr + TR
<i>Yjucá, ijucá</i>	iT
<i>Pedro jára</i>	Tr + TR
<i>Ceté, heté</i>	hT
<i>Che reté</i>	Pr + rTR
<i>Pedro reté</i>	Tr + rTR
<i>Oeté</i>	oT
<i>Che rúba</i>	Pr + rTR
<i>Pedro rúba</i>	Tr + rTR
<i>Gúba, guúba</i>	guT
<i>Çapé, hapé</i>	hT
<i>Çóca, hóca</i>	hT
<i>Çuíba, huúba</i>	hT
<i>Ytajá, itajá</i>	iT
<i>Otajá</i>	oT
<i>Çobaqué, hobaqué</i>	hT
<i>Che robaqué</i>	Pr + rTR
<i>Ypó, ipó</i>	iT ⁽⁷⁵⁾

Montoya: ⁽⁷⁶⁾

<i>Che réra</i>	Pr + rTR
<i>Héra</i>	hT
<i>Guéra</i>	guT
<i>Che remimboé</i>	Pr + rTR
<i>Hemimboé</i>	hT
<i>Guemimboé</i>	guT

(75) Na primeira coluna desta relação aparecem y, c (antes de e) e ç; são os correspondentes de i e h de Montoya. Por isso: ceté = heté, çapé = hapé, çobaqué = hobaqué, etc.

(76) Vide pag. 27 deste trabalho.

<i>Che renói</i>	Pr + rTR
<i>Che roó</i>	Pr + rTR
<i>Hoó</i>	hT
<i>Guóó</i>	guT

Figueira: (77)

<i>Che rába</i>	Pr + rTR
<i>Guirá rába</i>	Tr + rTR
<i>Çába, hába</i>	hT (78)

Os oito aspectos, pois, de uso dos índices, reduzíveis facilmente a quatro gerais, abrangem todo o conjunto desse capítulo notável da morfologia do tupí-guaraní, quer sob o ponto de vista da expressão das relações de possessão, quer da relação chamada de genitivo.

(77) Vide pag. 31 deste trabalho.

(78) Figueira emprega também **c** (antes de **e** e **i**) e **ç** (antes de **a**, **o**, **u**) em lugar do **h** de Montoya.

DAS EXCEÇÕES

As exceções ás regras formuladas podem se reduzir de muito, em numero, desde que não se pretenda o absurdo de levar em conta simples nugas de linguagem, características da ilogicidade de todos os idiomas.

Do exame rigoroso das gramáticas e dos textos, chegamos á conclusão de que cinco exceções apenas devem ser conhecidas e, estas mesmas, referentes a casos particulares de palavras compostas ou de dualidade e transição de índices. São as seguintes:

1.^a — As palavras compostas, começadas por vogal, cujo tema ou radical tem significado próprio e fixo, independentemente do *t*, tais como as que exprimem essência das cousas sugerindo ideia de *semente*, *grão*, *fruto*, *cabeça*, etc., não recebem *t*, *r*, *h*, mas apenas *i* e *o*:

$$\begin{array}{l} \textit{acáng} \\ (a + \textit{cáng}) \longrightarrow \textit{acáng} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \textit{che acáng} \\ \textit{nde acáng} \\ \textit{oré acáng} \\ \textit{pendé acáng} \end{array} \right. \begin{array}{l} \longrightarrow \textit{iacáng} \longrightarrow \\ \textit{oacáng} (79) \end{array} \end{array}$$

Não existindo o *r* na formação Pr + TR, não existirá também na formação Tr + TR, isto é, dir-se-á *abá acáng*, crâneo do homem.

(79) Segundo preceito de Anchieta dever-se-ia dizer: *acánga*, *che acánga*, etc., com a breve final.

Assim, são estes os tipos de formação:

Pr + TR, iTR, oTR, Tr + TR.

Basta, porém, que a mesma palavra seja tomada com o significado de *ramo, galho, afluyente, etc.*, para que, perdidas as suas prerogativas de possuidora da ideia de *nucleo, osso, bola*, se submeta á regra geral, isto é, receba *t, r, h, gu*:

$$acáng \rightarrow acáng \rightarrow \begin{cases} che \text{ racáng} \\ nde \text{ racáng} \\ oré \text{ racáng} \\ pendé \text{ racáng} \end{cases} \rightarrow \begin{matrix} hacáng \rightarrow \\ guacáng \end{matrix}$$

ou

Pr + rTR, hTR, guTR, Tr + rTR.

2.^a — Algumas palavras, embora recebam o *t*, não recebem *h*, mas o próprio *t* para indicar a relação determinativa de posse da terceira pessoa: ⁽⁸⁰⁾

$$úb \rightarrow túba \rightarrow \begin{cases} che \text{ rúba} \\ nde \text{ rúba} \\ oré \text{ rúba} \\ pendé \text{ rúba} \end{cases} \rightarrow \begin{matrix} túba \rightarrow \\ gúba \text{ (guúba)} \end{matrix}$$

$$úr \rightarrow túra \rightarrow \begin{cases} che \text{ rúra} \\ nde \text{ rúra} \\ oré \text{ rúra} \\ pendé \text{ rúra} \end{cases} \rightarrow \begin{matrix} túra \rightarrow \\ gúra \text{ (guúra)} \end{matrix}$$

(80) Montoya — Arte de Gramática, cit. pag. 10.

Anchieta — Arte de Gramática, cit. pag. 18.

Restivo — Arte de la lengua guaraní, cit. pag. 171.

Figueira — Arte de Gramática, cit. pag. 76.

pertencem, portanto, ao tipo:

Pr + rTR, T, guT, Tr + rTR

Citam-se, incluídas nesse exceção, as seguintes: *túba, tayra, tajyra, tajy, tyqueyra, tyby, túra*. Como na regra anterior, variando o sentido de algumas delas, caem na formação regular. *Tyby*, por exemplo, com o significado de *sepultura*, tem *h* por relativo, isto é:

$$yby \rightarrow tyby \rightarrow \begin{cases} che ryby \\ nde ryby \\ oré ryby \\ pendé ryby \end{cases} \rightarrow hyby \rightarrow guyby$$

3.^a — Certo numero de palavras que recebem o *ĥ* possuem, além do índice normal *h*, um excecional também em *t*:⁽⁸¹⁾

$$atã \rightarrow tatã \rightarrow \begin{cases} che ratã \\ nde ratã \\ oré ratã \\ pendé ratã \end{cases} \rightarrow hatã, tatã \rightarrow guatã$$

$$amói \rightarrow tamói \rightarrow \begin{cases} che ramói \\ nde ramói \\ oré ramói \\ pendé ramói \end{cases} \rightarrow hamói, tamói \rightarrow \begin{matrix} \\ \\ \\ guamói \end{matrix}$$

dando o tipo seguinte de formação:

(81) Anchieta, Montoya e Figueira. Obs. cit. pags. 18, 10 e 76 respectivamente.

Pr + rTR, hT — tT, guTr, Tr + rTR.

Incluem-se nessa exceção as seguintes palavras: *tatã, tatyúba, tamói, taichó, tyquéra, tubichá, tupá, taybaí, tyninhê.*

4.^a — Algumas palavras iniciadas por vogal ou por consoante, não recebendo *t*, nem *te*, recebem *r*, *h*, *gu*. Estes índices, por eufonia, tornam-se *ra*, *ha*, *gua*; *re*, *he*, *gue*:⁽⁸²⁾

a) *pé* → *pé* → $\left\{ \begin{array}{l} \textit{che rapé} \\ \textit{nde rapé} \\ \textit{oré rapé} \\ \textit{pendé rapé} \end{array} \right. \rightarrow \textit{hapé} \rightarrow \textit{guapé}$

b) *nimbó* → $\left\{ \begin{array}{l} \textit{che renimbó} \\ \textit{nde renimbó} \\ \textit{oré renimbó} \\ \textit{pendé renimbó} \end{array} \right. \rightarrow \textit{henimbó} \rightarrow \textit{guenimbó}$

c) *çoo* → *çoo* → $\left\{ \begin{array}{l} \textit{che roó} \\ \textit{nde roó} \\ \textit{oré roó} \\ \textit{pendé roó} \end{array} \right. \rightarrow \textit{hoó} \rightarrow \textit{guoo}$

constituindo, portanto, os seguintes tipos de formação geral:

- a) **Pr + r(a)TR, h(a)T, gu(a)T, Tr + r(a)TR**
- b) **Pr + r(e)TR, h(e)T, gu(e)T, Tr + r(e)TR**
- c) **Pr + rTR(-ç), hT(-ç), guT(-ç), Tr + rTR(-ç)**

(82) Restivo (Paulo) — Ob. cit. pags. 169 e segs.

5.^a — Certas palavras, em que o *t* ocorre fixo, não recebem *r*, *h*, nem *gu*, mas *i* e *o*:⁽⁸³⁾

$$tup\bar{a} \rightarrow tup\bar{a} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ tup\bar{a} \\ nde\ tup\bar{a} \\ or\acute{e}\ tup\bar{a} \\ pend\acute{e}\ tup\bar{a} \end{array} \right. \rightarrow itup\bar{a} \rightarrow otup\bar{a}$$

$$tuty \rightarrow tuty \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ tuty \\ nde\ tuty \\ or\acute{e}\ tuty \\ pend\acute{e}\ tuty \end{array} \right. \rightarrow ituty \rightarrow otuty$$

constituindo o seguinte tipo de formação:

Pr + TR, iT, oT, Tr + TR

Citam-se, como pertencentes a esse tipo, as seguintes palavras: *tupā*, *tuty*, *ty*, *tarobá*, *taby*, *túng*, *tajaçú*, *tequaraib*, *tyrā*, *tebirō*, *tin*, *timbó*, *tacy*, *tába*.

A questão da fixidez do *t* em algumas palavras, se de um lado se justifica pela simples consideração de que o tupí-guaraní poderia ter palavras iniciadas por essa consoante, como as tem iniciadas pelas demais, por outro faz suspeitar da possibilidade do *t* ter sido movel em períodos antigos da língua.

Sem encontrar atualmente solução para este e para outros problemas de gramática histórica, devemos ter em vista, no reduzido número de palavras dotadas do *t* fixo, duas que nos parecem sugestivas: *tupā* e *ty*⁽⁸⁴⁾.

(83) Vide Anchieta, Montoya e Figueira. Obs. cites. e pags. cites.

(84) Batista Caetano — Vocabulario cit. étimos *tupā* e *ty*.

A primeira designativa de um ser supremo, de um Deus, enfim, e a segunda equivalente a uma extensão provavel do *y*, agua. São da "Conquista Espiritual" estas palavras: ⁽⁸⁵⁾

"Tupã reymé hába, haé hecó moñepeteyn abé oiquaá berami. Tupã yn é ramo teniã mocói oñeen omboyeheá *tu* hae *pã*. *Tutú* héi abá oñemondyyn ramo. *Pã* coterã *pánga* héi abá oporandú ramo mbaé amó rehé. Aipó ramo Tupã recó iñungareyn baé rehé, hae hembiapó rapichárey n rehé oyepyá mongetá ramo Tupã héi chupé: *conicó tutú mbaé pacó!?* Oyábo nungá corami oheró Tupã Ñ. Y. oñemondyyn catú pype héra moñábo áng".

Montoya, portanto, pensava que a palavra *Tupã* tinha origem numa expressão interjectiva em que *tu* é uma interjeição e *pa*, contração de *pánga*, índice de interrogação ⁽⁸⁶⁾. Ora, como tal, *tu* ou *ú* se equivalem, e tanto se poderá dizer *tupã* como *upã*, isto é, com *t* fixo ou com vogal inicial. Além disso, encontramos *tupá*, absoluto de *upá*, com os significados de lugar, tempo, modo de estar pousado (leito, cama, rede, etc.) e com índices duplos de relação (vide exceção 3.^a), *t* e *h*:

tupá —> *hupá*, *tupá*.

Mais impressionante, porém, é o fato de *túb*, pai, gerador ⁽⁸⁷⁾, tema de onde provêm grande numero de

(85) Conquista Espiritual (Abá retá *eyn*, etc). — Anais Biblioteca. Vol. VI, pag. 107.

(86) Montoya, no "Tesoro de la lengua guarani", ed. de 1876. pag. 402 v. diz tambem: "Tupã, composta de *tu*, admiração, e *pã*, pergunta, nome que aplicaram a Deus".

(87) Aos significados gerais de *tub*, *pae*, *genitor*, etc. ocorrem: óvos de peixe; abelha mestra; verbos estar, pousar, deixar;

palavras de sentido conexo ao sentido que se dá a *tupã*, aparecer como exceção também (vide exceção 2.^a), recebendo *r*, mas não *h*, quando os derivados têm *t*, *r*, *h*, *gu*.

Quanto a *ty* ⁽⁸⁸⁾, *urina*, só o uso poderia ter determinado a fixação do *t*, pois tudo faz crer que *ty* seja o estado de não possessão de *y*, cujos significados são: líquido, caldo, água, sumo, urina, manar, correr, fluir, rio, etc..

As exceções, enfim, quando analisadas a fundo, de tal ou qual maneira se conformam ás regras gerais, revelando, parece-nos, aspectos evolutivos da língua.

molhado, encharcado, etc. Manoel Domingues — *Raíces Guaranies* — escreve *Tupáng*, pag. 13, in nota.

(88) Vide pag. 59 deste trabalho; 4.^a exceção.

DOS VERBOS

Em quasi todos os exemplos citados, para justificação das regras formuladas, empregamos substantivos com o intuito de dedicarmos este capítulo especial aos temas verbais. Mas, sujeitar-se-ão a receber os índices já estudados? Não ha dúvida que sim, pois é de regra em tupí-guaraní que os infinitos dos verbos funcionem sempre como substantivos e, por isso, devem sujeitar-se ás modalidades expressas pelos índices de relação possessiva, principalmente os de segunda conjugação, isto é, aqueles que são conjugados com os pronomes pessoais.

Prescindindo das letras accessórias que podem aparecer ligadas ao radical ou ao tema, devemos levar em consideração, apenas, que os verbos terminados em consoante admitem quasi sempre um *a* breve final, no infinitivo ⁽⁸⁹⁾.

Por isso, dividí-los-emos em duas grandes classes, seguindo o mesmo processo já usado para o estudo dos substantivos:

- 1.^a — iniciados por vogal
- 2.^a — iniciados por consoante

(89) Anchieta — *Arte de Gramática*, cit., pag. 2, diz: Os tupís de São Vicente que são além dos Tamoios do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante do verbo afirmativo, ut pro-

A essas classes podem pertencer tanto verbos transitivos ou intransitivos como verbos da primeira ou da segunda conjugação. A aplicação a todos eles dos índices de possessão indicar-nos-á, evidentemente, as alterações que sofrem, facilitando uma visão panorâmica do comportamento dos índices em presença de verbos.

Batista Caetano procurou estabelecer confronto entre os resultados obtidos mediante a sujeição de verbos de primeira conjugação a pronomes pessoais; nós nos limitaremos a confrontar, separadamente, verbos de uma e outra conjugação com os infinitos ligados aos índices.

As decorrencias de transitividade das vozes verbais aparecerão nas traduções quando possível, ou nelas se diluirão, visto como apresentam singularidades que não atingem aos nossos propósitos teóricos.

Para exemplificar, tomaremos verbos constituídos por temas ou radicais pertencentes às duas classes, sem nos preocuparmos com o *a* final dos terminados em consoante.

Hó — ir (intransitivo, radical, consoante inicial) ⁽⁹⁰⁾.

Como verbo: *ahá, rehá, ohó*.

Com os índices:

$$hó \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} che\ hó \\ nde\ hó \\ oré\ hó \\ pendé\ hó \end{array} \right. \longrightarrow ihó \longrightarrow ohó$$

apab dizem *apá*, pro *acêm* e *apên* pronunciam o til apenas; pro *ajur*, *ajú*.

Vide também Figueira — *Arte de Gramática*, cit. pag. 96; Montoya — *Arte de Gramática*, cit. pag. 98 e segs.

(90) Batista Caetano — *Esboço Gramatical*, cit., pag. 28.

Só a anteposição dos pronomes, sendo *hó* iniciado por consoante, indica as relações do tipo **Pr + TR** e, portanto:

o ir de mim — a minha ida
 o ir de ti — a tua ida
 o ir de nós — a nossa ida
 o ir de vós — a vossa ida

equivalente, aí, ao substantivo *ida*. As relações *ihó* e *ohó*:

o ir dele — a ida dele
 o ir de si — a sua ida,

correspondem também às formações **iT** e **oT** das regras gerais dos substantivos. O quarto caso, de genitivo, será **Tr + TR**.

Bebé — voar (intransitivo, tema, consoante inicial)

Como verbo: *abebé, rebebé, obebé*.

Com os índices:

$$\text{bebé} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{che bebé} \\ \text{nde bebé} \\ \text{oré bebé} \\ \text{pendé bebé} \end{array} \right. \rightarrow \text{ibebé} \rightarrow \text{obebé}$$

que se interpretará:

o voar de mim — o meu vôo
 o voar de ti — o teu vôo
 o voar de nós — o nosso vôo
 o voar de vós — o vosso vôo
 o voar dele — o vôo dele
 o voar de si — o seu vôo

Ayhú — amar (transitivo, tema, vogal inicial).

Como verbo: *ahayhú, rehayhú, ohayhú*.

Com os índices:

$$\text{ayhú} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{che rayhú} \\ \text{nde rayhú} \\ \text{oré rayhú} \\ \text{pendé rayhú} \end{array} \right. \rightarrow \text{hayhú} \rightarrow \text{guayhú}$$

Como se vê, na conjugação normal aparece um *h* para indicar transitividade, obrigando às traduções: *amo-o, amas-lo, ama-o* ou, duplicando os indicadores pessoais, em português: *eu o amo, tu o amas, ele o ama*.

Nas relações *de mim, de ti, etc.*, pelo fato do verbo se iniciar por vogal, aparece o *r*, e pela mesma razão o *h* e o *gu*; teremos:

o amar de mim	—	o meu amor
o amar de ti	—	o teu amor
o amar de nós	—	o nosso amor
o amar de vós	—	o vosso amor
o amar dele	—	o amor dele
o amar de si	—	o seu amor.

Páb — findar (intransitivo, radical, iniciado por consoante).

Como verbo: *apáb, repáb opáb* ou *apá, repá, opá*.

Com os índices:

$$\text{páb} \rightarrow \text{pába} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{che pába} \\ \text{nde pába} \\ \text{oré pába} \\ \text{pendé pába} \end{array} \right. \rightarrow \text{ipába} \rightarrow \text{opába}$$

Pába é a forma do infinitivo em *a* final, breve, que lembra o carater do substantivo verbal:

o findar de mim — o meu fim
 o findar de ti — o teu fim
 o findar de nós — o nosso fim
 o findar de vós — o vosso fim
 o findar dele — o fim dele
 o findar de si — o seu fim

Beráb — brilhar (intransitivo, tema, iniciado por consoante).

Como verbo: *aberáb*, *reberáb*, *oberáb*, ou *aberá*, *reberá*, *oberá*.

Com os índices:

beráb → *berába* → $\left\{ \begin{array}{l} \textit{che berába} \\ \textit{nde berába} \\ \textit{oré berába} \\ \textit{pendé berába} \end{array} \right. \rightarrow \begin{array}{l} \textit{iberába} \\ \textit{oberába} \end{array}$

portanto:

o brilhar de mim — o meu brilho
 o brilhar de ti — o teu brilho
 o brilhar de nós — o nosso brilho
 o brilhar de vós — o vosso brilho
 o brilhar dele — o brilho dele
 o brilhar de si — o seu brilho.

Ár — tomar (transitivo, radical, iniciado por vogal)

Como verbo: *ajár*, *rejár*, *oguár*.

Com os índices:

ár → *ára* → $\left\{ \begin{array}{l} \textit{che rára} \\ \textit{nde rára} \\ \textit{oré rára} \\ \textit{pendé rára} \end{array} \right. \rightarrow \begin{array}{l} \textit{hára} \\ \textit{guára} \end{array}$

Ha neste verbo, por ser transitivo, algumas variantes, como é fácil notar. Conforma-se, entretanto, aos requisitos essenciais:

o tomar de mim	— o tomar-me	— a minha tomada
o tomar de ti	— o tomar-te	— a tua tomada
o tomar de nós	— o tomar-nos	— a nossa tomada
o tomar de vós	— o tomar-vos	— a vossa tomada
o tomar dele	— o toma-lo	— a tomada dele
o tomar de si	— o tomar-se-o	— a sua tomada

Resumindo, temos as seguintes formações sintéticas:

- a) Pr + TR, iT, oT, Tr + TR (hó)
- b) Pr + TR, iT, oT, Tr + TR (bebé)
- c) Pr + rTR, hT, guT, Tr + TR (ayhú)
- d) Pr + TR, iT, oT, Tr + TR (páb)
- e) Pr + TR, iT, oT, Tr + TR (beráb)
- f) Pr + rTR, hT, guT, Tr + rTR (ar)

Essas fórmulas demonstram que, em tese, os verbos quer terminem em consoante ou vogal, quer sejam transitivos ou intransitivos, seguem as normas estabelecidas para a formação dos substantivos, isto é, recebem *r*, *h*, *gu* quando têm vogal inicial e *i*, *o*, quando consoante.

Vemos que $a=b=d=e$ (consoantes) e que $c=f$ (vogais). De fato, *ayhú* e *ár* são os que se iniciam por vogal.

Relativamente aos verbos da chamada 2.^a conjugação⁽⁹¹⁾, isto é, os que se conjugam com pronomes pes-

(91) Montoya — Arte de Gramática, cit. pag. 46.

soais, a aplicabilidade dos índices de relação é lógica e imediata; esses verbos são essencialmente verbos nominais, ou adjetivos, com mais rigor. A eles pódem reunir-se, de fato, todos os adjetivos qualificativos ⁽⁹²⁾.

“Considerem-se, diz Batista Caetano, *bom, bonito, máu*, adjetivos como *dorido* e *sabido*; imaginem-se verbos correspondentes a *doer* e *saber* e ter-se-ão os verbos adjetivos do abanheênga: *che catú, icatú; che pochý, nde pochý*, etc. E como (segundo notou Figueira a propósito da suposta terceira pessoa relativa), dá-se essa conjugação quando ha um advérbio na frase, ou outro verbo, vê-se que realmente os dizeres mediante os adjetivos são: *che catú ñe, me bonum dico; nde porā eté, te pulchrum vere*; ou antes *te pulchrum dicatur; ipochý raé, cum malum sic dicatur*” ⁽⁹³⁾.

Teremos assim, simplesmente para exemplificar:

<i>acy</i>	—>	<i>tacy</i>	—>	<i>che racy</i>					
				<i>nde racy</i>	—>	<i>hacy</i>	—>	<i>guacy</i>	
				<i>oré racy</i>					
				<i>pendé racy</i>					

<i>maenduár</i>									
<i>maenduár</i>	—>	{	<i>che maenduár</i>						
			<i>nde maenduár</i>	—>	<i>imaenduár</i>				
			<i>oré maenduár</i>		<i>omaenduár</i>				
			<i>pendé maenduár</i>						

O primeiro iniciado por vogal, e o segundo por consoante, ambos como substantivos dão os equivalentes:

(92) Batista Caetano — Esboço, cit., pag. 14.

(93) Batista Caetano — Esboço, cit., pag. 23.

o doer de mim — a minha dor
 o doer de ti — a tua dor
 o doer de nós — a nossa dor
 o doer de vós — a vossa dor
 o doer dele — a dor dele
 o doer de si — a sua dor

o lembrar de mim — a minha lembrança
 o lembrar de ti — a tua lembrança
 o lembrar de nós — a nossa lembrança
 o lembrar de vós — a vossa lembrança
 o lembrar dele — a lembrança dele
 o lembrar de si — a sua lembrança

Se as regras gerais se mostram boas para os verbos, quando eles são considerados substantivos, é de esperar que boas sejam também para quaisquer outras categorias gramaticais quando substantivadas. E isto provar-se-á com grande facilidade. Quanto aos verbos começados por vogal, é desnecessário repetir, admitem quasi todos formação geral com *t* no infinitivo: *úr*, vir —> *túr*, o vir em geral —> *túra*; *ár*, tomar —> *tar*, toma-lo em geral — > *tára*, etc..

DA SINTAXE DE REGENCIA DOS ÍNDICES DE RELAÇÃO

As maiores dificuldades da sintaxe dos índices de relação residem na formação de orações em que entram relativos e recíprocos, isto é, aspectos de relatividade e de reciprocidade de terceira pessoa. Essas dificuldades tomam ainda maior vulto quando nas orações aparecem dois verbos e dois agentes.

Tão sinteticamente quanto possível, e fundamentados no que foi já exposto, vamos passar em revista as regras essenciais vagamente estudadas pelas velhas gramáticas, e demasiadamente particularizadas por Restivo⁽⁹⁴⁾.

Parece-nos que as cinco regras conhecidas não abrangem a maioria dos casos correntes e, por isso, tentaremos a formulação de mais uma, capaz de orientar a organização de orações mais complexas.

Regra I:

Nas orações absolutas, em que aparece um só verbo, o nominativo deve estar precedido dos índices *h*, *i*, ou substitutos excepcionais. Por exemplo:⁽⁹⁵⁾

(94) Restivo (Paulo) — *Arte de la lengua guarani*, cit. pag. 169.

(95) Restivo (Paulo) — *Idem, idem*, pag. 174.

seus inimigos fugiram — *iñamotareymbá ojába* (dele)
 seus olhos negros — *heçá hun* (dele)
 seus pais ficaram — *tubeté opytá* (dele)

Na primeira frase aparece *i* porque *ñamotareymbá* se inicia por consoante; na segunda *h* porque *eçá* em estado de não determinação tem vogal inicial e na terceira *t* porque a palavra *úb*, por exceção, recebe o mesmo *t* demonstrativo por relativo.

Vemos mais que o uso de *seus*, em português, corresponde, nestas frases, ao *ejus* latino.

Regra II:

Nas orações absolutas, se o seu caso obliquo se refere ao nominativo, elas se formam com os índices *o*, *gu* ou substituídos excepcionais; se a outro caso, com os índices *h* ou *i*.

Assim, quando dizemos: Pedro o matou com sua espada, temos necessidade de saber, em português, se Pedro o matou com *sua* espada *dele* (Pedro) ou se com a espada pertencente a quem ele matou. Na primeira hipótese, isto é, se o caso obliquo se refere ao nominativo Pedro, teremos:

Pedro ojucá oquycépućú pype,

onde o índice *o*, de *quycépućú*, indica perfeitamente o *occidit gladio suo*, em latim.

Admitindo que a espada não fosse de Pedro, mas do morto, teríamos:

Pedro oyucá iquycépućú pype.

O *i* relativo que se liga a *quycépujú* lembraria *ejus gladio*, sem dúvida alguma.

Da mesma maneira, na oração:

João oguerahá guapicháragui hembíúrangá,

vem *guapichára* com recíproco porque se refere a João, e *hembíú* com relativo porque se refere á *guapichára*.

A esta segunda Regra fez Restivo restrições justas, consignando o uso de relativos *i* e *h* mesmo quando parece não o exigir o sentido da oração, como em:

ipyápe Pedro hacy — Pedro está doente do estômago
ygá itíme huguá rupi ojecá — a canôa partiu-se pela popa.

Têm aqui, pois, aplicação as considerações devidas a Simon Bandini⁽⁹⁶⁾, visando a fixar os casos em que esses índices podem ser empregados, aliás de acordo com o falar corrente, e que podem sintetizar-se nas duas novas regras seguintes:

Regra III:

Sempre que o caso obliquo, mudado em nominativo, não altera o sentido da oração, é permitido o uso de *h* ou *i* relativos. Em caso contrario, terão aplicação os índices de reciprocidade.

(96) Restivo (Paulo) — Ob. cit. pag. 175. A segunda exceção á primeira Regra de Restivo corresponde á nota seguinte de Montoya: Sacase el modo de hablar siguiente, que aunque tiene

Assim, se a frase: *Pedro está doente do estômago*, não perder o sentido com a alternativa: *o estômago de Pedro está doente*, dir-se-á com relativo:

Pedro hacy ipyápe ou
Pedro pyá hacy,

caso do dito genitivo da palavra — *pyá* — começada por consoante.

Se dissermos, porém:

Pedro hacy ocotype,

não nos será lícito empregar *icotype* porque, se tal se desse, para satisfazer a primeira hipótese da regra, o sentido ficaria inteiramente mudado, isto é: *o quarto de Pedro está doente* ou

Pedro coty hacy.

Só o recíproco, portanto, tem aplicação.

Regra IV:

Nas orações que têm dois verbos e dois agentes, o que se refere ao nominativo agente, se a oração for ativa ou neutra, estará em recíproco. Em:

voz de relativo, siempre tiene notas de recíproco g, o, antes del nombre, y después bo, y significa el modo de estar; el bo es breve y en vocábulos narigales hará mô; opucúbo, a lo largo; emôi opucúbo; opucúbo che môí, etc. (Arte de Gramatica, cit. pag. 42- 43).

Pedro inupãbyramo oicó ocy rerecóái haguéra rehé

aparece *ocy* porque se refere a Pedro, que é o nominativo paciente.

Na frase:

*guapichára rehé japuguaçú mbojahaguéra
rehé añãretáme imombopyramo oicó,*

vemos *guapichára*, com recíproco, porque se refere ao que foi lançado no Inferno, nominativo paciente da oração.

No exemplo seguinte, citado ainda por Restivo, a mesma regra se aplica:

João guay ohayhú, oñeemboajé haguéra jepy.

Oñeen “vem com recíproco porque o possessivo *sus* de suas palavras se refere a João, nominativo e agente da oração” (97).

Regra V:

Será acrescido do índice de relação, *h* ou *i*, o que se não referir ao nominativo agente ou paciente da oração. Assim, na frase:

omboyaheó cunumí inupãramone

vem *inupã* com relativo porque *cunumí* não é o agente da oração.

(97) Restivo (Paulo) — Ob. cit. pag. 176.

“Importa mucho guardar bien los preceptos destas reglas para no esponerse a decir algun disparate en esta lengua, como lo fuera si alguno usara por relativo y no por recíproco la oracion siguiente: *los judios clavaron en la cruz à Jesus por ser malos,*

Judios curuçú pype ojatyca Jesú Christo opochyramo,

con recíproco, porque se refiere a los Judios que son el caso agente de la oracion principal ⁽⁹⁸⁾.

Si alguno dixera — *ipochyramo* — con relativo, se refiriera à Christo y dixera: *que lo clavaron en la cruz por ser malo.* Mau ele, Jesus, evidentemente.

Regra VI:

Se o caso obliquo do primeiro verbo é ao mesmo tempo agente do segundo, tudo quanto se refere a ele como a agente, é recíproco. Em

Tupã ohayhú oãnga rehé ñangarecôhára,

ñangarecôhára ($i=\tilde{n}$) é caso obliquo porque representa o acusativo do verbo *ayhú* e é tambem agente da oração, *os que cuidam da sua alma.* Por isso, encontramos o recíproco *oãnga rehé.*

Considerando estas Regras como elementos essenciais á sintaxe dos índices de relação, não podemos deixar sem consignaçon especial as numerosas exceções que decorrem de peculiaridades de uso menos geral e do

(98) Restivo (Paulo) — Ob. cit. pag. 179.

aparecimento nas frases de partículas cujo emprego é extremamente variável, como se dá com as orações que se fazem impessoais pelo *hába* negativo. Nestas, só o uso e o sentido poderão indicar qual dos índices deve ter preferência.

A importância enorme do estudo desses índices de relação determinativa de posse, além da que se possa surpreender neste breve esboço, é flagrante nos textos clássicos e na prática hodierna da lingua ameríndia. Ele permitirá, quando puder estender-se francamente ao campo da glotologia, novas e esperadas aquisições étnico-linguísticas, que se fazem necessárias para uma visão de conjunto dos idiomas americanos ⁽⁹⁹⁾.

As obras notáveis do Padre Sanchez-Labrador, de Frei Mansueto do Val Floriania, do Padre Sala, de Mamiani, de Bertoni, de Capistrano de Abreu, de Colbachini, de Dominguez, de Lucien Adam, de Kock-Grünberg, de Martinez, de Bertonio, de la Grasserie, de Martius e de mais uma dezena de grandes nomes que se dedicaram a estudos de idiomas sul-americanos, diversos do tupí-guaraní, fornecerão já, sem dúvida, interessantes informes para uma primeira tentativa de confronto entre os índices de relação.

Adstritos, porém, ao tupí-guaraní antigo, e sem pretensões de qualquer espécie, chegamos a través de nossas pesquisas e em função do exposto, ás seguintes conclusões gerais que, embora susceptíveis de revisões, poem em fóco a magna questão dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní.

(99) Bertolaso Stella (Jorge) — *As linguas indígenas da América*. S. Paulo, 1929.

CONCLUSÕES:

I — A lingua predominante na costa do Brasil e em outras regiões do interior do continente sul-americano apresentava, em meados do século XVI, aspectos prosódicos diversos capazes de caracterisar grandes áreas geográficas de predomínio da família tupí-guaraní.

II — As gramáticas de Anchieta, Montoya e Figueira são as fontes mais puras para o estudo do tupí-guaraní antigo.

III — Essas gramáticas, sem preocupação filológica, estabelecem com exatidão, embora confusamente, os princípios que regem o uso dos índices de relação.

IV — A concepção de palavras em estado de indeterminação é defensavel em face das que se iniciam por vogal, das que têm *t* fixo e das muitas compostas iniciadas por consoante.

V — Aos índices *h* e *i* correspondem os índices *o*, *gu*.

VI — Os índices aplicam-se ás categorias gramaticais capazes de comportar-se como substantivos.

VII — Ha uma ligação muito estreita entre esses índices e partículas que funcionam como artigos, pronomes e indicadores de transitividade.

VIII — As orações perdem ou variam de sentido pelo emprego incorreto dos índices ou pela substituição de uns por outros.

IX — A análise profunda das formações irregulares poderá reduzir algumas das exceções a regras gerais.

X — Não só os índices em si, mas a situação que ocupam junto ao tema regente, dão ao tupí-guaraní feição digna de confronto com outras linguas americanas, oceânicas e asiáticas, dentre as quais o antigo Mandchú⁽¹⁰⁰⁾.

(100) Trombetti (A). — *Lingue Oceaniche in America?* — Bologna, 1925.

Rivet (Paul) — *Langues Americaines* — Paris, 1924.

Rivet (Paul) — *Les Malayos-Polynésiens en Amérique*. — 1926.

Seidel (A) — *Systematisches Wörterbuch der Nordchinesischen Umgangssprache Peking Dialekt*. Leipzig, 1901.

Harlez (C. de) — *Manuel de la Langue Mandchoue. Grammaire, Anthologie et Lexique*. Paris, 1884.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Acosta (N. Rojas) — Manual del viajero. Dicionario de la lengua guarani. 1905.
- 2 — Adam (Lucien) — Materiaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Guaicurú (Abipone, Mocovi, Toba, Mbaya). Paris. 1889.
- 3 — Adam (Lucien) — Examen grammatical comparé de seize langues américaines. Paris. 1878.
- 4 — Adam (Lucien) — Materiaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi. Paris. 1896.
- 5 — Adam (Lucien) — Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraíbe. Paris. 1879.
- 6 — Adam (Lucien) — Le Caraíbe du Honduras et le Caraíbe des Isles. Stuttgart. 1906.
- 7 — Aires de Casal (P. Manuel) — Corografia Brasileira. 2.^a edição. 1833. Tomo I, pag. 236. Vocábulos da lingua geral e do idioma Guaycurú.
- 8 — Albuquerque (Miguel Tenorio d') — Apontamentos para a gramática Avá-Neê. In Revista do Museu Paulista. Vol. XVI. Pag. 331.
- 9 — Albuquerque (Miguel Tenorio d') — Lingua geral Tupí-guarani. In Revista do Museu Paulista. Vol. XVI. Pag. 449.
- 10 — Alemão (Francisco Freire) — Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasileira. In Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 45, parte II. Rio de Janeiro. 1882.
- 11 — Amazonas (Lourenço da Silva Araujo e) — Dicionario Túpico-português e Português-tupico. In-fol Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

- 12 — Amorim (Antonio Brandão de) — Lendas em Nheengatú e em Português. In Revista Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Tomo 100. Pag. 9. Rio de Janeiro. 1926.
- 13 — Anchieta (P. Joseph de) — Arte de gramática da lingua mais usada na Costa do Brasil. Novamente dada á luz por Julio Platzmann. Lipsia. 1874.
- 14 — Angelis (Pedro de) — Números cardinales de quatro de las principales tribus del Chaco, Abipones, Tobas, Lenguas Lules y Tonocotes; comparados con las lenguas guarani, quichua, araucana y aimará. In Bibliografia del Chaco. pp. vii y viii. Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antigua e moderna de las provincias del Rio de la Plata. Tomo VI. Buenos Aires. 1837.
- 15 — Anonimo — Nociones elementares de catecismo en lengua guarani. Assuncion. 1910.
- 16 — Anonimo — Vocabulario comparado, português, guarani, caiuí, coroado e xavante. In Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LV, parte I. Pag. 256. Rio de Janeiro. 1892.
- 17 — Anonimo — Vocabulario gramatical Guarani-Español. Assuncion. 1903.
- 18 — Anonimo — Canciones en lengua indígena del Brasil. In Relacion de la Real Tragicomedia con que los padres de la Compania de Jesus recibieron a Felipe II de Portugal. Lisboa. 1620.
- 19 — Anonimo — Versiculos em guarani, que os Indios de Missões, costumão cantar na Semana Santa e que narram varios padecimentos de Cristo e sua Paixão, com a tradução em português. In Revista trimensal do Instituto Histórico da Provincia de S. Pedro. Ano IV. Numero I. Porto-Alegre. 1863.
- 20 — Araujo (P. Antonio de) — Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã, com o Ceremonial dos Sacramentos e mais atos Paroquiais. Composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus e aperfeiçoado pelo Padre Antonio de Araujo, da mesma Companhia. Emendado nesta se-

- gunda impressão pelo Padre Bartolomeu de Leam, da mesma Companhia. Lisboa MDCXXXVI. Edição fac-similar de Julio Platzmann. Leipzig, 1898.
- 21 — Ayrosa (Plinio) — Os “Nomes das partes do Corpo Humano pela lingua do Brasil”, de Pero de Castilho. S. Paulo. 1937.
- 22 — Ayrosa (Plinio) — Vocabulario na Lingua Brasílica. Manuscrito português-tupí do seculo XVII. São Paulo. 1938.
- 23 — Ayrosa (Plinio) — Termos tupís do português do rBasil. São Paulo. 1937.
- 24 — Ayrosa (Plinio) — O Caderno da lingua ou Vocabulario Português-Tupí, de Frei Arronches. In Revista Museu Paulista. Tomo XXI. São Paulo. 1937.
- 25 — Ayrosa (Plinio) — Dicionario Brasiliano-Português e Português-Brasiliano. (Vid. Fr. Onofre).
- 26 — Ayrosa (Plinio) — Primeiras noções de Tupí. São Paulo. 1933.
- 27 — Baena (Antonio L. Monteiro) — Hino que cantam em lingua geral os indigenas nas provincias do Pará e Amazonas na festa denominada Sairé. In Ensaio Corográfico sobre a Provincia do Pará. Pará. 1839.
- 28 — Barbosa Rodrigues (J.) — A lingua geral do Amazonas e o Guaraní. Observações sobre o alfabeto indígena. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 51, suplem. Rio de Janeiro. 1888.
- 29 — Barbosa Rodrigues (J.) — Poranduba Amazonense ou Kochiyama uára porandúb. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo 14. Rio de Janeiro. 1890.
- 30 — Barbosa Rodrigues (J.) — Vocabulário indígena comparado. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo 15. Rio de Janeiro, 1892.
- 31 — Barbosa Rodrigues (J.) — Vocabulário indígena com a ortografia correta. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo 16. Rio de Janeiro. 1896.
- 32 — Barbosa Rodrigues (J.) — Mbaé kaá tapyyetá enoyndana ou a botânica e a nomenclatura indígena. Memoria apresentada ao 3.º Congresso Cientifico Latino Americano. Rio de Janeiro. 1905.

- 33 — Barbosa Rodrigues (J.) — Notas á margem de “Grammar and Vocabulary of the Tupi Language” de John Luccock. In Revista do Instituto Historico e Geográfico Brasileiro. Tomo XLIV. 1.^a parte. Pag. 35.
- 34 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Cantos do Padre Anchieta. Prefacio de Basílio de Magalhães. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXXXIV. Rio de Janeiro. 1919.
- 35 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Etimologias Brasilicas. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tomo II. 1877. Pags. 201 e 404.
- 36 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Esboço gramatical do Abañeê ou lingua guarani chamada tambem no Brasil lingua tupí ou lingua geral, propriamente abañeenga. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. VI. 1879.
- 37 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo tradutor da “Conquista Espiritual” do Padre A. Ruiz de Montoya In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 1879.
- 38 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Abá retá y caray ey baecué Tupã upé ynemboaguiyé uca hagué Pay de la Comp.^a de I. H. S. poromboeramo ára caé P. Antonio Ruiz Icaray ey baé mongetaipí haré oiquatiá caray ñeê rupi yma cará mbohé hae Pay ambuaé ôgueroba abá ñeê rupi año de 1733 pype. Tradução integral. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 1879.
- 39 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Apontamentos sobre o Abañeenga tambem chamado Guaraní ou Tupí ou Lingua Geral dos Brasís. In Ensaios de Ciências. Primeiro opúsculo. Rio de Janeiro. 1876.
- 40 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — O Dialogo de Leroy. Comentários em latim, com a ortografia guaraní correcta. In Ensaios de Ciências. Segundo opúsculo. Rio de Janeiro. 1876.
- 41 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Notas ao capitulo II — Do Principio e Origem dos Indios — da obra

- de Fernão Cardim: Tratado da Terra e Gente do Brasil. Rio de Janeiro. 1925.
- 42 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Ñande rúba ou a oração dominical em abañeega. In Ensaio de Ciências. Fascículo III. Pag. 81. Rio de Janeiro. 1880.
- 43 — Batista Caetano (de Almeida Nogueira) — Declaration de la Doutrina Christiana. Texto guarany de Elias del Rosario Ibarra, traduzido e anotado. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Tomo XLIII. Pag. 169. 1.^a parte. Rio de Janeiro. 1880. Em colaboração com Macedo Soares (A J. de).
- 44 — Bernal (F. José) — Catecismo de la Doctrina Christiana en Guarani y Castellano. En la Real Imprenta de los Niños expósitos. 1800.
- 45 — Bertoni (Moises S.) — La lengua guarani como documento histórico. Estructura, fijeza, inalterabilidad. Consecuencias para la etimologia. In Anales Cientificos Paraguaios. Serie II. No. 6. Puerto Bertoni. 1920.
- 46 — Bertoni (Moises S.) — Las plantas usuales del Paraguay y paizes limítrofes. Introduccion, nomenclatura y diccionario de los géneros botanicos latino-guaraní. Assuncion. s/d.
- 47 — Bertoni (Moises S.) — De las grafias del guaraní y de las ortografias. Assuncion. 1927.
- 48 — Bertoni (Moises S.) — Analogias Linguisticas Caraíbes-Guaranis y la lengua guarani en Antillas, Venezuela, Colombia y Centro America. Puerto Bertoni. 1921.
- 49 — Bertoni (Moises S.) — Influencia de la lengua gurani en Sud-America y Antillas. I — Los nombres Guarani, Tupi, Karaive y Tapuia. II — Enumeracion de los Dialectos guaranies. III — Cuadro comparativo. IV — Los Karaives o Karai-Guarani en las Antillas y Centro America. V — Analogias linguisticas guarani-peruanas. In Anales Cientificos Paraguayos. N.º 1. Serie II. Puerto Bertoni. 1916.
- 50 — Bertoni (Moises S.) — Ortografia guarani. Assuncion. 1914.

- 51 — Bertoni (de Wuikerkried) — Vocabulario zoológico guaraní (con etimología y nomenclatura técnica). In 3.º Congreso Científico Latino-Americano. Tomo VI. Rio de Janeiro. 1910.
- 52 — Bertoni (Guillermo Tell) — Fonología, prosódia y ortografía de la lengua guaraní. Assuncion. 1926.
- 53 — Betendorf (P. João Filippe) — Compendio da Doutrina Cristãa na lingua portuguesa e brasilica. Reimpresso por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. Lisboa. MDCCC.
- 54 — Bottignoli (P. Justo) — Dicionario Guaraní-Castellano y Castellano-Guaraní. Turim. s/d.
- 55 — Branner (John C.) — Notes upon a native brazilian language. In Proceedings of the Amer. Ass. for the Advancement of Science. Bufalo. 1886.
- 56 — British and Foreing Bible Society — Tupã Ñandeyara Jesu Cristo. Recocué já remimboecue rejeguaré umi Evangelio marangatú cuera já umi Apóstoles rembiapocué já remimboecué rejeguaré. Londres. 1913.
- 56 — Cabral (Luiz D.) — Abá-Ñeê. Vocabulário del idioma español-guaraní. Buenos-Aires. 1901.
- 58 — Castro (Batista de) — Vocabulario Tupí-Guaraní. Com prefacio de Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro. 1936.
- 59 — Cavalcanti (Amaro) — The Brazilian Language and its agglutination. Rio de Janeiro. 1883.
- 60 — Cezar (Filisberto de Oliveira) — Leyendas de los Indios Guaranies. Buenos Aires. 1892.
- 61 — Colman (Narciso R.) — Ocára poty. Dos tomos de poesias en guaraní, seguidos de El Parnaso de Guaranía, o sea Antología de bardos guaranies. Assuncion. 1921.
- 62 — Colman (Narciso R.) — Ñandé ypy cuéra. Poema etnogenetico y mitológico. Assuncion. 1929.
- 63 — Corrêa de Faria (Francisco Raimundo) — Compêndio da Língua Brasília para uzo dos que a ela se quizerem dedicar. Pará. 1858.
- 64 — Coruja (Antonio Alvares Pereira) — Coleção de vocábulos e frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande

- do Sul. In Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XV. 1852. Pag. 210.
- 65 — Demersey (Alfred) — Recherches philologiques sur la Langue Guaranie. In Bulletin de la Société de Géographie Paris. 1859.
- 66 — Dominguez (Manuel) — Raices Guaranies. Extracto de las Actas del XVII.º Congresso Internacional de Americanistas. Pag. 193. Buenos Aires. 1912.
- 67 — Eckart (Anselmo) — Specimen Linguae Brasilicae vulgaris. Lipsiae MDCCCXC.
- 68 — Espinosa (Francisco S.) — Lambaré. Cuatiá ñeên ybyty rusú gui osêm bae. Luque. 1868.
- 69 — Evreux (P. Ives d') — La Doctrine Chrétienne en la langue des Topinambos & en François. In Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614. Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Imperial de Paris. Avec une introduction et des notes par Ferdinand Denis. Leipzig & Paris. 1864.
- 70 — Fernandes (Aauto) — Gramática Tupí. Fortaleza (Ceará). s/d. 1924.
- 71 — Figueira (P. Luiz) — Arte de Gramática da Lingua Brasilica. Nova edição dada á luz e anotada por Emilio Allain. Rio de Janeiro. 1880.
- 72 — França (Ernesto Ferreira) — Crestomatia da Lingua Brasilica. Leipzig. 1859.
- 73 — Freitas (Afonso A. de) — Vocabulario Nheengatú, vernaculisado pelo português falado em S. Paulo. São Paulo. 1906.
- 74 — Gaffarel (Paul) — Jean de Lery. La langue tupi. Paris. 1877.
- 75 — Garcia (Rodolfo) — Notas ao Capitulo I — Do Clima e Terra do Brasil — da obra de Fernão Cardim: Tratado da Terra e Gente do Brasil. Rio de Janeiro. 1925.
- 76 — Garcia (Rodolfo) — Glossario das palavras da lingua tupi contidas na Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle du Maragnon et Terres Circonvoisines do Padre Claude d'Abbeville. In Revista Instituto Histórico

- rico Geográfico Brasileiro. Tomo 94. Rio de Janeiro. 1923.
- 77 — Garcia (Rodolfo) — Nomes de Aves em lingua Tupí. In Boletim do Museu Nacional. Vol. V. N.º 3. Rio de Janeiro. 1929.
- 78 — Gez (J. W.) — Disquisiciones filológicas sobre la lengua Guarani. Corrientes. 1915.
- 79 — Glij (Filippo Salvatore) — Saggio di Storia Americana o sia Storia Naturale, Civile e Sacra, etc. Tomo III. Della Religione e delle lingue degli Orinochesi, e di altri Americani. Roma. MDCCLXXXII.
- 80 — Goeje (C. H. de) — Fünf Sprachfamilien Sudameriks. Amsterdam. 1935.
- 81 — Goeje (C. H. de) — Het Merkwaardige Karaibisch. Overdruk uit De West — Indische Gids. Deel XIV. Afl. 3/4. Aug. 1932. Gravenhaje.
- 82 — Gonsalves Dias (Antonio) — Vocabulario da lingua geral usada hoje em dia no Alto Amazonas. In Revista Instituto Histórico Brasileiro. Tomo XVII. 1854. Pag. 553.
- 83 — Gonsalves Dias (Antonio) — Dicionaro da lingua tupí chamada lingua geral dos indígenas do Brasil. Lisboa. 1858.
- 84 — Graty (Alfred M. du) — La Republique du Paraguay. Bruxelles. 1862. Pag. 208.
- 85 — Graty (Alfred M. du) — Lengua guarani. Nombres de las diferentes partes del cuerpo humano (guarani e espanhol), frases, etc. Besançon. 1862.
- 86 — Gutierrez (Juan Maria) — Algunas observaciones sobre las lenguas guarani y araucano. In Revista del Rio de la Prata. Buenos Aires, 1871. 8.º.
- 87 — Handel (P.) — Abañeême. Guia práctico para aprender el idioma Guarani. Stuttgart. 1890.
- 88 — Hartt (Ch. Fred.) — Notas sobre a lingua geral ou Tupí moderno do Amazonas. Prefacio de Rodolfo Garcia. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. LI. 1938. Pag. 303.

- 89 — Hervás (Lorenzo) — Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas, numeracion, division, y classes de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos. Vol. I. Lenguas y naciones americanas. Madrid. 1800.
- 90 — Hoeller (P. Fray Alfredo) — Guarayo-Deutsches Wörterbuch. S. Cruz de la Sierra (Bolivia), 1932.
- 91 — Insaurrealde (P. José de) — Ára porú, aguiyey hába: conicó quatiá poromboé ha marangatú. Tabucú Madrid é hape Joachin Ibarra, quatiá apó ucá hára rope. Roy. 1759. pype.
- 92 — Jehan (L. P.) — Tableau polyglotte de la région guarani-brésilienne. In Dictionnaire de linguistique. Pag. 687. Paris. 1858.
- 93 — Klug (Juan) — Ñemongetá — Ejercicios de conversacion y dialogos en las lenguas guarani, castellano y aleman. Assuncion, 1937.
- 94 — Labrador (P. José Sanchez) — Arte de la lengua Mbayá o Eyiguaygui. Seguido de Vocabulario Castellano-Mbayá. In El Paraguay Católico. Tomo III. Buenos Aires. 1917.
- 95 — Latham (R. G.) — Elements of Comparative Philology. Languages of Brasil. Guarani. Other than Guarani, etc. Londres. 1862.
- 96 — Lery (Jean de) — Colloque de l'entrée ou arrivé en la terre du Brésil, entre les gens du pays nommés Touopinambaults & françois. In Histoire d'un voyage fait en la terre lu Brésil. Tomo II. 123. Ed. Gaffarel. Paris. 1880.
- 97 — Luccock (John) — Grammar and Vocabulary of the Tupi Language. Partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira noted brasilian missionaries. In Revista Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomos XLIII, 1.^a parte. Pag. 263; XLIV, 1.^a parte. Pag. 1.
- 98 — Magalhães (J. V. Couto de) — Curso de lingua Tupí viva ou Nheengatú. In O Selvagem. Rio de Janeiro. 1876.
- 98 — Mansur (Rosario Farâni) — Novos rumos da tupinologia. Curitiba (Paraná). 1935.

- 100 — Maranhão (Fr. Francisco dos Prazeres) — Coleção de etimologias brasílicas. In Revista Instituto Histórico Brasileiro. Tomo VIII. 1846. Pag. 69.
- 101 — Maranhão (Fr. Francisco dos Prazeres) — Dicionario abreviado do tupinambá-português. (Apêndice á Poranduba Maranhense). In Revista Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomo LIV. Parte 1.^a. Rio de Janeiro. 1891.
- 102 — Marcoy (Paul) — Idiome Tupí. In Voyage à travers de l'Amerique du Sud. Tome II. Pag. 444.
- 103 — Martinez (T. Alfredo) — Orígenes y leyes del lenguajes aplicadas al idioma guaraní. Buenos-Aires. 1916.
- 104 — Martius (Carl Fried. Phil. v.) — Beiträge zur Ethnographie uns Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. II — Zur Sprachenkunde. Leipzig. 1867.
- 105 — Mayans (Antonio Ortiz) — Dicionário Castellano-Guaraní. Assuncion. MCMXXXV.
- 106 — Mendes de Almeida (João) — Dicionario Geografico da Provincia de S. Paulo. Com introdução sobre a lingua tupí. São Paulo. 1902.
- 107 — Mitre (Bartolomé) — Ayerecó Quatá Catú. Una provincia guaraní. Buenos Aires. 1878.
- 108 — Monreale (Francisco) — Metodo práctico para aprender la lengua guaraní. Tercera edição. Corrientes. 1925.
- 109 — Montoya (P. Antonio Ruiz de) — Arte de la lengva gvarani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig. MDCCCLXXVI.
- 110 — Montoya (P. Antonio Ruiz de) — Bocabvlario de la lengva gvarani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig. MDCCCLXXVI.
- 111 — Montoya (P. Antonio Ruiz de) — Tesoro de la lengva gvarani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig. MDCCCLXXVI.
- 112 — Montoya (P. Antonio Ruiz de) — Catecismo de la lengva gvarany. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig. MDCCCLXXVI.
- 113 — Montoya (P. A. Ruiz de) e Bandino (P. Simon) — Breve noticia de la lengua guarani sacada de el Arte, y Escri-

- tos de los PP. Antonio Ruiz de Montoya e Simon Bandini. MDCCXVIII.
- 114 — Moraes (P. Manuel de) — Dictionariolum nominum & verborum linguae Braziliensibus maxime communis. In Tractatus topographicus Brasiliae, cum eclipsi solaris; quibus additi sunt illius et aliorum commentarii de Brasiliensium & Chiliensium Indole & Lingua. Jorge Marcgravius. Amstelodami. 1658.
- 115 — Moraes (P. Manuel de) — Vocabularium Linguae Brasiliae. In Historiae Rerum Naturalium Brasiliae etc. de Georgi Marcgravius. 1648.
- 116 — Nogueira (Paulino) — Vocabulario indígena em uso na Provincia do Ceará. In Revista do Instituto Histórico do Ceará. Tomo I. Ceará. 1887.
- 116 — Nunez (Eloy Fariña) — Conceptos estéticos. Mitos guaranis. Buenos-Aires. s/d. (1925).
- 118 — Onofre (Frei) — Dicionario Português-Brasiliano e Brasileiro-Português. Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.^a parte, até hoje inédita; ordenada e prefaciada por Plinio Ayrosa. Rev. do Museu Paulista. Vol. XVIII. São Paulo. 1934.
- 119 — Padres del Seminario — Pequeño ensayo de la gramática del idioma guaraní. Assuncion. 1891.
- 120 — Passos (José Alexandre) — Observações sobre a lingua tupí. In Revista Instituto Arqueológico Alagoano. Pag. 199. 1876.
- 121 — Pennaforte (R. Ulisses de) — A linguística americana. Quelques notes sur la langue Tupi, de Lavasseur, Quadro sinótico e comparativo da lingua Tupi, etc. In Brasil-Prehistórico. Fortaleza. 1900.
- 122 — Recalde (Juan Francisco) — Estudo crítico sobre “Termos tupís no português do Brasil”, de Plinio Ayrosa. In Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. 42. Nuevo metodo de ortografia guarani. Estudos gramaticais e textos em guarani, tupi e chiriguano. São Paulo. 1924.
- 123 — Restivo (P. Paulo) — Partículas de la lengua guraní. Reimpressão de Couto de Magalhães. In Revista Institu-

- to Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LVIII. 1.^a parte. Pag. 101. Rio de Janeiro. 1895.
- 124 — Restivo (P. Paulo) — Arte de la Lengua Guarani por el P. Antonio Ruiz de Montoya de la Comp^a. de Jesus, con los Escolios, Anotaciones y Apendices del P. Paulo Restivo de la misma Comp^a. sacados de los Papeles del P. Simon Bandine. Prefacio de Seybold. Stuttgart. MDCCCXCII.
- 125 — Restivo (P. Paulo) — Vocabulario de la lengua Guarani, compuesto por el Padre Antonio Ruiz de Montoya de la Compañía de Jesus, revisto y augmentado por otro Religioso de la misma Compañía. Stuttgart. MDCCCXCIII.
- 126 — Rivet (Paul) — Les langues Guaranies du Haut-Amazone. Extrait du Journal de la Société des Americanistes de Paris. Nouvelle série. Tome VII. 1910. Paris. 1910.
- 127 — Rubim (Braz da Costa) — Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza. Rio de Janeiro. 1853.
- 128 — Sampaio (Teodoro F.) — O Tupí na Geografia Nacional. 3.^a edição correta e aumentada. Baía. 1928.
- 129 — Seixas (Manuel Justiniano) — Vocabulário da lingua indígena geral para uso do Seminário Episcopal do Pará. Pará. 1875.
- 130 — Seixas (Manuel Justiniano) — Capítulo preliminar do Compendio da Doutrina Cristã. Texto guaraní e português. In Comissão do Madeira, Pará e Amazonas. 2.^a Parte. Rio de Janeiro. 1875.
- 131 — Serrano (P. José) — De la diferencia entre lo temporal y eterno crisol de desengaños con la memoria de la Eternidad Postrimerias Hvmantas, y principales Misterios Divinos por el Padre Ivan Evsebio Nieremberg, de la Compañía de Jesus y traducido en lengua Gvarani por el Padre Ioseph Serrano de la misma Compañía. Impresso en las Doctrinas. Año de M. D. CC. V..
- 132 — Silva Guimarães (J. Joaquim da) — Dicionario da lingua geral dos Indios do Brasil. Reimpressão. Baía. 1854.

- 133 — Sociedade Bíblica Britânica — Ñandeyára Jesú Cristo rembyyocuai Apostol cuéra rembiapocue. Londres. 1914.
- 134 — Solari (Benjamin T.) — Ensayo de Filologia. Breve vocabulario español-guarani, con las relaciones etimológicas del idioma americano. Buenos-Aires. 1928.
- 135 — Souza e Silva (J. Norberto de) — Poesias dos selvagens brasileiros. Com as versões alemã e portuguesa. In Revista Popular. Tomo IV. 1859.
- 136 — Spix e Martius — Poesias em tupi e alemão. In Primeiras Letras. Ed. da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. S/d.
- 137 — Spix e Martius — Reisen in Brasilien. Tomo III. Pags. 1117, 1085 e 1316. Poesias em tupi e alemão. Munchen. 1823/34.
- 138 — Stradelli (Ermano) — Vocabularios da lingua geral português-nheengatú e nheengatú-português, precedidos de um esboço da Gramática nheeênga-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em lingua geral nheengatú porandúua. In Revista Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 104. Rio de Janeiro. 1929.
- 139 — Studart (Jorge) — Ligeiras noções de lingua geral. In Revista do Instituto Histórico do Ceará. Tomo XL. 1926.
- 140 — Sympson (Pedro Luiz) — Gramática da Lingua Brasileira (Brasilica, Tupi ou Nheengatú). 4.^a edição. Rio. s/d. (1934).
- 141 — Tastevin (P. Constantino) — Gramática da lingua Tupi. In Revista do Museu Paulista. Vol. XIII. Pag. 537
- 142 — Tastevin (P. Constantino) — Nomes de plantas e animais em lingua Tupi. In Revista do Museu Paulista. Vol. XIII. Pag. 689..
- 143 — Tastevin (P. Constantino) — Corrigendas e aditamentos á Gramática Tupi e Vocabulário Tupi-Português. In Revista do Museu Paulista. Vol. XIII. Pag. 1297.
- 144 — Thevet (André) — Oracion Dominicale en Sauvage. In La Cosmographie Universelle. Paris. 1575. Tomo IV. 925.

- 145 — Valente (P. Christovão) — Poemas brasílicos, emendados para os meninos cantarem ao santissimo nome de Jesus. In *Une fête brésilienne célébrée a Rouen en 1550, etc.* par Ferdinand Denis. Paris. 1850.
- 146 — Verissimo (José) — Palavras de origem tupí-guaraní usadas pela gente amazônica e em prática corrente na região. In *Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo L. Pag. 295. Rio de Janeiro. 1887.
- 147 — Yapuguay (Nicolás) — Explicacion de el catecismo en lengua guarani. Con direccion del P. Paulo Restivo de la Compañia de Jesus. En Pueblo de Santa Maria La Mayor. MDCCXXVII.
- 148 — Yapuguay (Nicolás) — Sermones y exemplos en Lengua Guarani. Con direccion de vn Religioso de la Compañia de Jesus. En el Pueblo S. Francisco Xavier. MDCCXXVII.
- 149 — Yapuguay (Nicolás) — Historia da Paixão de Christo e Taboas de Parentescos em lingua tupí. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Viena. 1876.

